RA
REVISTA
ADVENTISTA

Apreciar o dom de Deus

16
BÍBLIA
Hebreus 4:9: Sim, é um texto-chave!

34
MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL
O papel da Secretaria na vida da Igreja

40
ESPÍRITO DE PROFECIA
Como reagia Ellen G. White aos seus críticos?

PUBLICADORA SERVIR
MARÇO 2025
N. 934 | ANO 86

1 646188 625032

RA
REVISTA ADVENTISTA

PUBLICADORA SERVIR
MARÇO 2025
N. 934 | ANO 86

eu VOU
MISSÃO **GLOBAL**, AÇÃO **LOCAL**.

"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-l'O melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL **revista.adventista@pservir.pt**

DESIGN GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **Publicadora SerVir, S. A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo 2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Ligação Visual
Casais de S. Martinho – Jerumelo

TIRAGEM **4700 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

Igreja Adventista do Sétimo Dia®

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..

março

D	S	T	Q	Q	S	S
23	24	25	26	27	28	1
2	3	4	5	6	7	**8**
9	**[10]**	11	12	13	14	**15**
16	**17**	**18**	**19**	**20**	**21**	**22**
23	24	25	26	27	**28**	**29**
30	31	1	2	3	4	5

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

8 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL E MINISTÉRIOS DA MULHER) (*ZOOM*)

9 FORMAÇÃO SAL

15 DIA GLOBAL DA JUVENTUDE

15-22 SEMANA DE ORAÇÃO JA

28-30 FORMAÇÃO DE MULHERES PARA A LIDERANÇA (NÍVEL III)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

3-7 ASSOCIAÇÃO DA OLTÉNIA (ROU)

10-14 ASSOCIAÇÃO DA SUÍÇA FRANCO-ITALIANA (SWU)

17-21 SEMANA DE ORAÇÃO DOS JOVENS (EUD)

24-28 ASSOCIAÇÃO DA ESLOVÁQUIA (CSU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[10] SEGUNDA-FEIRA

abril

D	S	T	Q	Q	S	S
30	31	1	2	3	**4**	**5**
6	7	8	9	10	11	**12**
13	**[14]**	**15**	**16**	**17**	**18**	19
20	21	22	23	**24**	**25**	**26**
[27]	**28**	29	30	1	2	3

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

4-6 MApAS (MINISTÉRIO ADVENTISTA PARA ADULTOS SOLTEIROS)

5 e 6 ENCONTRO NACIONAL DE LÍDERES JA

12 ENCONTRO NACIONAL DE ANCIÃOS

12-19 CAMPANHA *NT* – PÁSCOA

13 FORMAÇÃO SAL (*ZOOM*)

17-20 ACAMPAMENTOS REGIONAIS

24-27 FORMAÇÃO DE LÍDERES DO MINISTÉRIO DA FAMÍLIA

28 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (*ZOOM*)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

31/3-4/4 ASSOCIAÇÃO DA SUÍÇA ALEMÃ (SWU)

7-11 REUNIÃO DA PRIMAVERA DA CONFERÊNCIA GERAL (CG)

14-18 UNIÃO ESPANHOLA (SPU)

21-25 CLÍNICA *LA LIGNIÈRE* EM GLAND (EUD)

28/4-2/5 ASSOCIAÇÃO CENTRAL RENANA (SGU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[14] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[27] DOMINGO

[FH] RTP2 ENTRE AS **15:00** E AS **15:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **22:47**
[C] RTP2 ENTRE AS **17:00** E AS **17:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **06:00**
ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA *RTP2* SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04
EDITORIAL
Apreciar o dom de Deus: A relevância do relato da Criação

05
ATUALIDADE
A Inteligência Artificial e a emergência da classe inútil
Os desafios que a IA coloca na valorização do ser humano.

10
TEOLOGIA
Apreciar o dom de Deus
A importância da doutrina da Criação para a compreensão das Escrituras Sagradas.

16
BÍBLIA
Hebreus 4:9: Sim, é um texto-chave!
Uma interpretação Adventista de um enigmático texto sobre o Sábado.

21
RELIGIÃO
Os Dez Mandamentos
Há diferença entre o Decálogo e a restante legislação do Antigo Testamento?

23
GRAVADO NA PEDRA
Sisaque, o misterioso Faraó dos livros bíblicos de Reis e de Crónicas
Um personagem bíblico que a arqueologia certifica.

28
OLHOS NOS OLHOS
Williams Costa Júnior
O perfil de um ministério multifacetado.

34
MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL
O Papel da Secretaria na vida da Igreja
A ação da secretaria da UPASD a nível nacional.

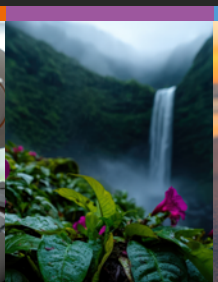
37
HISTÓRIA ADVENTISTA
Origens do Adventismo na região norte de Portugal (Parte II)
Acompanhe a saga do Adventismo no Norte.

40
ESPÍRITO DE PROFECIA
Como reagia Ellen G. White aos seus críticos?
A sensatez da serva do Senhor.

42
HERÓIS DA BÍBLIA
O plano de Deus para David
Descobre porque Deus amava David.

45
PÁGINA DA FAMÍLIA
Lições atuais vindas de Caná
O que Jesus nos ensina sobre o casamento.

48
NOTÍCIAS
Fique a par das notícias da sua Igreja.



EDITORIAL
Pr. José Lagoa
Presidente da UPASD

Apreciar o dom de Deus: A relevância do relato da Criação

"No princípio, criou Deus os céus e a terra" (Génesis 1:1).

O relato da Criação, em Génesis, não é apenas uma explicação sobre a origem do mundo. Ele revela Quem é Deus, quem somos nós e qual o propósito da nossa existência. "Ao escrever esta obra para Israel, Moisés desejou retratar Deus como o Fundador e Criador de toda a vida. Assim, a teocracia está fundada no Deus soberano da Criação."

Vivemos numa época onde a visão bíblica da Criação é frequentemente ignorada ou desacreditada. Mas Génesis afirma uma verdade essencial: A vida não surgiu por acaso; nós fomos criados com amor, intencionalidade e propósito pelo Deus do Universo.

Quando reconhecemos Deus como Criador, a nossa visão do mundo muda. A vida passa a ter um significado maior. "Aqueles que em tudo colocam Deus em primeiro, último e melhor, são as pessoas mais felizes do mundo."

Criados para viver e servir

Deus não apenas nos criou, mas confiou-nos a responsabilidade da mordomia. O primeiro ato de Deus após criar o Homem foi colocá-lo num jardim e dar-lhe uma missão: Cuidar do que tinha sido feito. Isso significa que a forma como usamos os nossos recursos, o modo como tratamos as pessoas e administramos o tempo e os dons que recebemos são um reflexo da nossa compreensão da Criação.

A história da Criação também nos liga à Redenção. O mesmo Deus que formou o ser humano à Sua imagem deu a Sua vida para restaurar essa imagem em nós.

O chamado à adoração e à missão

O Sábado, estabelecido na Criação, é um lembrete semanal do poder e do amor de Deus. Ele é um convite à adoração e à comunhão com o nosso Criador. "Deus deseja que o nosso louvor suba até Ele, levando o cunho da nossa própria individualidade."

O livro de Apocalipse reforça esta verdade quando nos chama a adorarmos "Aquele que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas" (Apocalipse 14:7). A verdadeira adoração nasce do reconhecimento de Quem Deus é: O nosso Criador e Redentor!

O seu chamado

Se acreditamos que Deus nos criou, essa convicção precisa de transformar a nossa vida. Tem refletido a imagem do Criador nas suas ações diárias? Como pode ajudar outros a compreenderem e a valorizarem o dom da Criação?

Deus chama-nos a vivermos com propósito, a cuidarmos daquilo que Ele nos confiou e a proclamarmos a Sua grandeza. Está disposto a aceitar este desafio?

1 Allen P. Ross, "Genesis", *in The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, org. J. F. Walvoord e R. B. Zuck, vol. 1 (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 27 e 28.

2 Ellen G. White, *Fundamentals of Christian Education, Instruction for the Home, the School, and the Church* (Southern Publishing Association, 1923), 83 e 84.

3 Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Sabugo: Publicadora SerVir, 2015), 58.

A Inteligência Artificial e a emergência da classe inútil

Qual é o valor de um ser humano? Como quantificamos esse valor?

Ty Gibson
Pastor

Retirado da revista Signs of the Times *americana de maio de 2024.*

Em abril de 2023, o utilizador *ghostwriter977* do *TikTok* publicou a canção "Heart on my Sleeve" ("O coração na minha manga"), alcançando 15 milhões de visualizações. A canção era cantada por Drake e The Weeknd, dois dos mais lucrativos artistas da indústria da música. Sendo que, no entanto, não tinham sido os dois artistas a cantar a canção. A canção tinha sido gerada por Inteligência Artificial (IA); as vozes deles tinham sido clonadas. Por fim, a canção foi sinalizada por causa dos direitos de autor e foi retirada a pedido da *Universal Music Group* (*UMG*). Não havia qualquer forma de o ouvinte médio distinguir entre os artistas que apreciavam e a Inteligência Artificial que fora usada para os imitar. Subitamente, a *UMG* estava diante da possibilidade de estes dois artistas se tornarem, essencialmente, sem valor.

A IA está a confrontar todos os habitantes do planeta com uma crise de identidade sem precedentes. A sua capacidade para imitar rostos, vozes e maneirismos que fazem de nós pessoas únicas está a causar todo o tipo de preocupação e de questionamento. Qual é o valor de um ser humano? Como quantificamos esse valor? O escritor e intelectual popular Yuval Noah Harari, Professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, escreveu o livro *Sapiens*: *A Brief History of Humankind* (*Sapiens: Uma Breve História da Humanidade*). Ele fez diversas aparições em muitas revistas e em muitos jornais ao redor do mundo, divulgando a ideia de que aquilo que estamos a testemunhar neste momento deve-se ao surgimento da IA. Ele refere-se a este problema como sendo a emergência da "classe inútil de seres humanos". Segundo Harari, dado que a IA ficará com os trabalhos que *qualquer pessoa* pode fazer, uma grande classe de seres humanos tornar-se-á cada vez mais inútil. "No século 21, poderemos testemunhar a criação de uma nova e massiva classe desempregada: Pessoas sem qualquer valor económico, político ou, mesmo, artístico, que em nada contribuem para a prosperidade, para o poder e para a glória da Sociedade. Esta 'classe inútil' não será apenas desempregada – será incapaz de ser empregada." Ele diz que a questão mais importante do século 21 pode ser: O que devemos fazer com todas as pessoas supérfluas? Por exemplo, a IA é atualmente capaz de fazer 425 quadriliões de cálculos por segundo. Para dar uma perspetiva do que isto significa, digamos que, hipoteticamente, se um ser humano conseguir realizar apenas um cálculo por segundo, seriam necessários mais de 13 biliões de anos para um ser humano igualar a capacidade de computação da IA num segundo. Harari escreve: "Noventa e nove por cento das qualidades e habilidades humanas são simplesmente redundantes para a realização da maioria dos empregos humanos." Ele defende que a IA e a robótica irão substituir os médicos, os contabilistas, os condutores, os professores, os *garçons*, os revisores de texto, os pilotos de aviação, os farmacêuticos, os advogados, e muito mais.

Vejamos, como exemplo, o caso dos médicos. Uma das principais causas de morte nos Estados Unidos da América é o erro médico. Não só os médicos serão substituídos, especialmente os cirurgiões, mas Harari sugere que se tornará ilegal um ser humano realizar uma cirurgia. Se há uma margem de erro que coloca a vida do paciente em peri-

A IA está a confrontar todos os habitantes do Planeta com uma crise de identidade sem precedentes.

go quando a cirurgia é realizada por um ser humano, e se essa margem é muito menor (se é que existe) quando uma máquina realiza essa cirurgia, todas as pessoas que pudessem escolher seriam estúpidas, caso não escolhessem a máquina. A máquina não terá tremores de mão, um dia mau ou uma ressaca.

As relações afetivas também estão sob ameaça. Há alguns anos, a revista *Forbes* deu destaque ao primeiro bordel de robôs que abriu em Espanha, fazendo o turismo crescer exponencialmente naquela zona. Em breve, será possível encomendar *online* uma perfeita companheira, perfeitamente ajustada aos nossos gostos e muito mais inteligente do que qualquer ser humano com quem possamos conversar. No Japão, pelo menos três homens já se casaram publicamente com robôs. Pode-se agora ter uma esposa-robô IA, um amigo-robô IA ou um animal de estimação-robô IA, o que torna o contacto humano desnecessário.

Harari continua: "No século 21, poderemos testemunhar a criação de uma nova e massiva classe desempregada." Isto significa, diz-nos ele, que teremos de criar alguma coisa como um rendimento básico universal. O Governo e a elite rica terão de deixar vazar um pouco de dinheiro para as pessoas comuns, para que estas possam comprar alimentos e ter um abrigo residencial.

Tudo isto suscita uma pergunta muito importante: O que é um ser humano? Bem, há duas narrativas radicalmente divergentes que pretendem exprimir o que é, para nós, a identidade humana. A primeira narrativa diz que, há 13,8 biliões de anos, houve uma implosão maciça – o *Big Bang* – e tudo o que existe no Universo é o resultado da longa cadeia causal que emergiu desse acontecimento único. A realidade é apenas a substância material – a matéria. Esta mundividência é designada "Materialismo". Ela declara que somos apenas uma série de processos químicos.

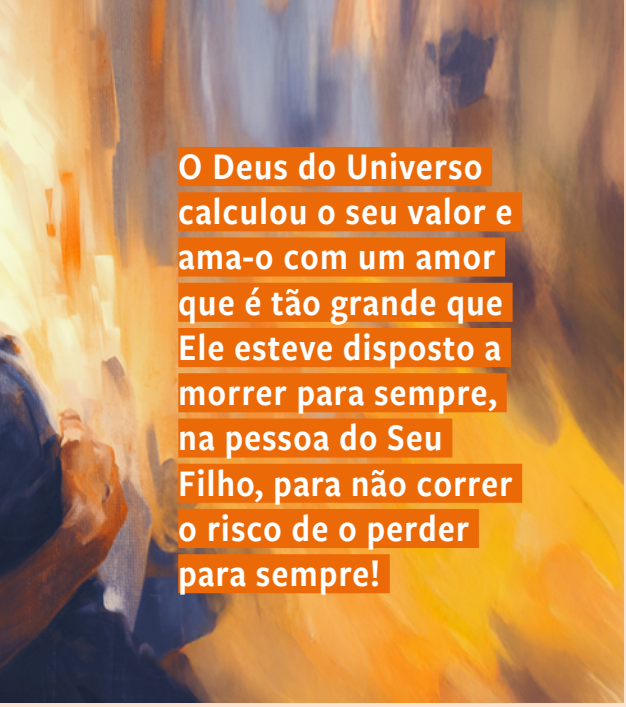
A segunda narrativa diz que os seres humanos são criaturas com tremendos dignidade, beleza e potencial, não

somente pelo trabalho que fazem, mas pela sua capacidade para amar como Deus ama. Nesta história, os seres humanos foram feitos à imagem de Deus. Um ser humano, do ponto de vista de Deus, tem um valor igual ao valor da vida de Deus, o que é um pensamento que nos deixa de boca aberta!

Da primeira narrativa, baseada no *Big Bang*, Harari deduz: "O livre-arbítrio é um mito, herdado da teologia cristã. Os seres humanos não têm direitos naturais, tal como os não têm as aranhas, as hienas e os chimpanzés." Ele começa com o livre-arbítrio porque é o mecanismo na psicologia humana que produz a capacidade para amar. E segundo a mundividência materialista, o próprio amor é uma ilusão. Todos aqueles que afirmam amar estão simplesmente a usar o amor como uma forma muito sofisticada de sobrevivência do mais apto. O verdadeiro altruísmo não existe. O egoísmo é tudo o que existe. A capacidade para a inovação e para a criatividade nada mais é do que um processo químico. Harari defende: "Tanto quanto podemos dizer, de um ponto de vista puramente científico, a vida humana não tem qualquer sentido. Os seres humanos são o resultado de processos evolutivos cegos que operam sem objetivo ou propósito." Eis a sua conclusão: "Qualquer sentido que as pessoas atribuam à sua vida é apenas uma ilusão." Se pensa que os sentimentos que existem entre você e o seu filho têm algum significado, Harari quer que compreenda que eles não têm qualquer significado.

Ao reduzir os seres humanos a meras máquinas produtivas, a Ciência popular concluiu que os seres humanos terão menos valor do que a IA e os robôs. Harari avisa que, à medida que uma classe mais ampla de seres humanos se torna crescentemente inútil, ela torna-se descartável, e aqueles que tem mais poder político e económico irão pensar em modos e meios de reduzir a população humana da Terra; criarão sistemas que removerão um grande número de seres humanos, enquanto eles mesmos se refugiam em *bunkers* avaliados em muitos milhões de dólares e emergem num mundo utópico que imaginam merecer.

Segundo o biólogo e escritor americano E. O. Wilson, "o verdadeiro problema da Humanidade é o seguinte: Temos emoções paleolíticas, instituições medievais e tecnologia divina. Isto é terrivelmente perigoso e está agora a aproximar-se de um ponto de crise generalizada". O que ele está essencialmente a dizer é que a nossa maturidade moral não está a par com a Tecnologia que criámos. Não podemos evitá-lo. Com empresas geridas por membros da Administração que têm unicamente em consideração o lucro que



os torna e que torna os acionistas mais ricos este trimestre do que no trimestre passado, não há qualquer forma de o domínio próprio vencer.

Mas há boas notícias. "Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado" (I Pedro 1:18 e 19, *ARC*). Quem nos diz isto é o apóstolo Pedro, um amigo chegado de Jesus e um dos líderes da Igreja Cristã Primitiva. Ele diz que Jesus veio adquirir-nos, salvar-nos da nossa "vã maneira de viver" para entrarmos numa vida que é totalmente significativa. A maneira mais vã em que podemos existir é estimarmos o nosso valor com base no valor económico que podemos produzir para o sistema económico mundial. Você vale muito mais do que isso! Aqui, nesta passagem das Escrituras, Pedro faz equivaler a sua vida e a minha vida à vida de Jesus. Deus olha para si e avalia o seu valor como sendo equivalente ao Seu.

Você é valioso, caro e raro. É algo difícil de imaginar, porque nós conhecemo-nos e, por vezes, duvidamos daquilo que valemos. Mas, do ponto de vista de Deus, Ele olha para si, e apenas para si, como se não houvesse outro ser humano para amar no Universo. Jesus não morreu por uma massa de consumidores anónimos. Jesus morreu por Si! Ele sabe de tudo o que já experimentou. Cada mágoa, cada dor, cada alegria. O Deus do Universo calculou o seu valor e ama-o com um amor que é tão grande que Ele esteve disposto a morrer para sempre, na pessoa do Seu Filho, para não correr o risco de o perder para sempre.

A atriz francesa Anouk Aimée diz: "A convulsão cósmica é menos comovente do que uma criancinha ponderando a morte de um pardal num canto de um celeiro." A IA não pode substituir a risada de uma rapariguinha que se diverte com as suas amigas. A IA não pode substituir o olhar aventureiro de um rapaz adolescente. A IA não pode substituir o profundo senso de segurança e de confiança existente na relação sexual que une marido e mulher. A IA não pode substituir a alegria de se criar uma obra de Arte. A IA não pode substituir a empatia de um amigo num momento de crise. A IA não pode substituir a imagem do amor de Deus refletido em todas as nossas relações emotivas. Eu convido-o a abraçar a narrativa bíblica que, ao contrário da mundividência materialista, pode dar-lhe um senso profundo de valor e de significado que é incomparável com o que este mundo lhe possa oferecer!

Apreciar o dom de Deus

A relevância do relato da Criação

Daniel K. Bediako
Diretor-Associado do Instituto de Pesquisa Bíblica

A Bíblia abre com o relato do ato divino da Criação. E é necessário que assim seja! A revelação de Deus que se segue no resto da Escritura assenta na verdade fundamental de que Deus "criou [...] os céus e a terra" (Génesis 1:1, *ARA*) e de que, embora o pecado tenha resultado da desobediência à Sua Palavra, o Criador ofereceu a redenção através de Cristo. Este processo de recreação culminará na criação de "novo céu e nova terra" (Apocalipse 21:1, *ARA*).

O estatuto de Criador que Deus tem é a base do modo como Ele lida com a Humanidade e dos Seus direitos sobre a Humanidade. Portanto, a fé no relato da Criação é particularmente importante porque a Criação está conectada com todos os outros temas da Escritura. A conclusão que cada um de nós retira do relato da Criação molda a nossa leitura do resto da Bíblia.

Neste breve artigo, vamos ver o caráter fundamental do relato da Criação na Escritura, as suas implicações para o valor da vida humana e a ligação entre a Criação e temas como a mordomia, a redenção, o Sábado e a adoração.

Génesis 1 e 2 são fundamentais

Primeiro, o relato da Criação informa-nos sobre como o mundo veio à existência. Deus criou o nosso mundo em seis dias literais e descansou no sétimo dia (Génesis 2:1-3).

Segundo, o facto da Criação é tão fundamental na Escritura que, sem os seus capítulos de abertura, não podemos compreender corretamente a Bíblia. Os autores do resto da Escritura leem Génesis 1 e 2 como relatos literais e procedem de acordo com essa leitura (*e.g.*, Êxodo 20:1-11; I Crónicas 29:11-13; Salmo 104; Mateus 19:4-6; Romanos 5:12; Apocalipse 14:7).

A fé no relato da Criação é particularmente importante porque a Criação está conectada com todos os outros temas da Escritura.

Terceiro, o relato da Criação ajuda-nos a vermos por que razão Deus Se relaciona com os seres humanos do modo como o faz. Ele também explica por que razão Deus assumiu o fardo de lidar com o problema do pecado humano; isto é, a razão por que Ele assume a obra de restauração no Santuário.

Criação e vida humana

O relato da Criação em Génesis 1 e 2 diz-nos *Quem* é Deus, *quem* somos nós e *porque* estamos aqui. O relato da Criação nega que a vida tenha surgido espontaneamente a partir de elementos químicos inorgânicos e que a vida humana se tenha desenvolvido a partir de formas biológicas mais simples através da seleção natural aleatória. Ele informa-nos de que fomos feitos à imagem e semelhança de Deus, indicando assim o valor e a importância que Ele atribui à vida humana. Consequentemente, Deus enfatiza a santidade da vida (*e.g.*, Génesis 9:4). Nós respeitamos e valorizamos os outros seres humanos porque compreendemos que

fomos todos igualmente feitos à imagem de Deus.

Além do mais, Génesis 1 e Génesis 2 ensinam que Deus nos concebeu para os Seus propósitos especiais. Deus não criou a Terra em vão, mas fê-la para ser habitada por seres humanos (Isaías 45:18; 42:5). A Criação legitima a autoridade e os direitos de Deus sobre nós. Assim, por exemplo, porque Ele nos criou macho e fêmea, devemos manter intacta a distinção binária de género em honra do Criador (Mateus 19:4-9; Romanos 1:24-27). Embora tenhamos pecado e tenhamos ficado destituídos da Sua glória, ainda somos preciosos aos olhos de Deus, sendo essa a razão para a Sua missão de salvar os crentes e de lhes conceder a vida eterna. Efetivamente, Deus é o "fiel Criador" (I Pedro 4:19, *ARA*) que Se preocupa com a Sua Criação (I Pedro 5:6-11).

Criação e mordomia

O relato da Criação ensina-nos que os seres humanos têm uma responsabilidade como mordomos perante Deus. O Senhor fez de Adão e de Eva mordomos sobre a Sua Criação. A sua responsabilidade abrangia os domínios físico (*e.g.*, trabalhar e cuidar do meio ambiente e dos seus recursos), intelectual (*e.g.*, habilidades e conhecimento), social (*e.g.*, família e relacionamentos) e espiritual (*e.g.*, obedecer às instruções de Deus e comungar com Ele).

Depois da Queda, a mordomia veio a incluir o uso grato dos dons divinos da Criação para a manutenção da vida humana e para a adoração e o serviço do Criador. A mordomia bíblica é baseada em três coisas: (1) O reconhecimento da Criação como propriedade de Deus (Génesis 1:1, 27; Deuteronómio 10:14; I Crónicas 29:11-16; Salmo 24:1; Isaías 42:5; 45:12-18); (2) o reconhecimento de que os seres humanos, como imagem de Deus, são responsáveis pela gestão dos dons de Deus para o seu próprio bem (*e.g.*, Génesis 1:26; Salmo 8:6; Mateus 25:14-30); e (3) a redenção que nos é oferecida através do sangue de Cristo (I Coríntios 6:20; I Pedro 1:18 e 19).

Criação e redenção

Génesis 1-3 explica *por que razão* Deus nos redime. O conceito de redenção está indissociavelmente ligado à Criação. O Criador já tinha um plano para redimir a Sua Criação antes de os seres humanos pecarem e merecerem a morte. A Sua capacidade para nos salvar da escravidão do pecado e nos conceder a vida eterna assenta na Sua autoridade como Criador. A Escritura

apresenta a redenção divina de Israel da escravidão egípcia em termos de Criação, como se vê quando Moisés declara que Deus criou ou fez Israel (Deuteronómio 32:6).

São descritas três formas de Criação em Isaías. A primeira é a Criação Cosmológica, tal como surge em Génesis 1 e 2 (Isaías 40:22-28; 42:5; 45:18). *Yahweh* é o Criador dos céus, da Terra e de tudo o que neles há (Isaías 45:12).

O Criador já tinha um plano para redimir a Sua Criação antes de os seres humanos pecarem e merecerem a morte. A Sua capacidade para nos salvar da escravidão do pecado e nos conceder a vida eterna assenta na Sua autoridade como Criador.

A segunda é a eleição/redenção de Israel (Isaías 48:12-21; 51:10 e 11). *Yahweh* é "o Criador de Israel" (Isaías 43:15, *ARA*). Isaías emprega os três verbos-chave hebraicos usados em Génesis 1 e 2 para retratar os atos redentores de Deus (*e.g.*, Isaías 43:1-7).

A terceira é a nova Criação Escatológica (Isaías 65 e 66). Tal como *Yahweh* demonstrou o Seu poder criador na libertação de Israel do Egito (Êxodo 12:26-32) e na separação das águas do Mar Vermelho (Êxodo 14:21-23), Ele também irá recriar o Seu povo a partir das nações e irá reimplantá-lo na Terra Prometida (veja também Isaías 43:16 e 17; 60:21; Amós 9:15). Ele irá criar novos céus e nova Terra, e uma "nova Jerusalém" (Isaías 65:17 e 18).

A nova Criação como resultado da obra de Cristo é apresentada no Novo Testamento. A redenção de Israel iniciada com o sacrifício do cordeiro da Páscoa simbolizava a redenção dos crentes através de Cristo. Aquele que está em Cristo é uma "nova criatura" (II Coríntios 5:17, *ARA*; cf. Efésios 4:20-24), sendo "feitura dele, criados em Cristo" (Efésios 2:10, *ARA*). E tal como Israel foi redimido do cativeiro egípcio e constituído como "reino de sacerdotes e nação santa" (Êxodo 19:6, *ARA*), também a Igreja é criada através da redenção da escravidão do pecado para uma novidade de vida em Cristo, como "sacerdócio real, nação santa" (I Pedro 2:9, *ARA*).

Criação, Sábado e adoração

Génesis 1 e Génesis 2 dizem-nos *por que razão* adoramos o Criador e guardamos o Sábado. Embora Génesis

2:1-3 não contenha uma instrução específica para se repousar e adorar no sétimo dia que Deus estabeleceu no fim da semana da Criação, o repouso de Deus nesse dia e o facto de Ele ter santificado e abençoado esse dia foram obviamente para benefício de Adão e Eva, que tinham acabado de ser criados, e com os quais Deus terá comungado durante aquele dia santo. Consequentemente, a Escritura convida-nos a adorarmos *Yahweh* porque Ele é o Criador. Por exemplo, David exalta a grandeza, o poder, a glória e a majestade de *Yahweh* porque tudo o que está no céu e na Terra Lhe pertence (I Crónicas 29:11-16). O Salmista frequentemente pede aos crentes para louvarem Deus por causa do Seu poder criador e das Suas obras (Salmos 66:1-7; 139:14-16; 147:7-20; 148). O Pregador convida todos a lembrarem-se do seu Criador (Eclesiastes 12:1). E Paulo reitera que é o Criador do céu e da Terra, o Doador da vida e do fôlego, que devemos adorar (Romanos 1:20 e 21; Atos 17:23-27).

A Escritura dá duas razões relacionadas para Israel adorar Deus e guardar o Seu Sábado. A primeira é o facto de que Ele criou em seis dias e repousou no sétimo dia (Êxodo 20:8-11; cf. 31:17). A segunda razão é que Deus redimiu a nação do cativeiro egípcio (Deuteronómio 5:12-15). A Bíblia liga o Sábado não apenas com a redenção histórica de Israel do Egito, mas também com a redenção escatológica do povo de Deus (Isaías 58; 66; Apocalipse 14:7).[1] Por exemplo, o livro de Hebreus declara que guardar o Sábado permanece válido para o povo de Deus (Hebreus 4:6), e, depois, encoraja as reuniões regulares (de Sábado) para os crentes (Hebreus 10:24-31).[2] Ligar o Sábado com a Criação e a redenção significa que a observância do Sábado é algo central na adoração adequada.[3]

Ligar o Sábado com a Criação e a redenção significa que a observância do Sábado é algo central na adoração adequada.

O livro de Apocalipse também associa a adoração com a Criação. Deus criou todas as coisas e, portanto, merece receber honra e adoração das Suas criaturas (Apocalipse 4:11; 5:13; 10:6). Assim, a mensagem do primeiro anjo chama o mundo para prestar a verdadeira adoração àquele "que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas" (Apocalipse 14:7, *ARA*). A alusão ao mandamento do Sábado em Apocalipse 14:7 (veja Êxodo 20:11) indica que a verdadeira adoração de Deus, para a qual os três anjos convidam o mundo, inclui a observância do Sábado.

Criação e missão

A Grande Comissão (*e.g.*, Mateus 28:18-20) e as mensagens dos três anjos (Apocalipse 14:6-12) sublinham a relação entre Criação e missão. A mensagem do Evangelho deve ser proclamada a toda a Criação. A proclamação é um convite a adorar-se o Criador e a aceitar a Sua oferta de salvação.

Com Génesis 1-3 como pano de fundo, Paulo diz que "a criação está sujeita à vaidade" (Romanos 8:20, *ARA*),

“Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem” (Hebreus 11:3, *ARA*).

que “a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora” (Romanos 8:22, *ARA*) e que “também nós [...] igualmente gememos em nosso íntimo” (Romanos 8:23, *ARA*). Os crentes esperam ansiosamente “a redenção do nosso corpo” (Romanos 8:23, *ARA*) e “a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Romanos 8:21, *ARA*). O culminar da missão de Deus é a criação de novos céus e de nova Terra, onde os redimidos morarão eternamente com o seu Criador e Redentor (Isaías 65:17; 66:22; II Pedro 3:13; Apocalipse 21:1, 3).

Conclusão

“Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem” (Hebreus 11:3, ARA). Sem fé na atividade criativa de Deus descrita em Génesis 1 e 2, dificilmente podemos compreender a Escritura e, consequentemente, dificilmente podemos compreender o amor de Deus pela Humanidade e o modo como Deus lida com a Humanidade, a Sua vontade e os Seus mandamentos, o significado e o propósito da vida e o nosso destino. É por isso que é extremamente importante que aceitemos Génesis 1 e 2 como um relato literal da Criação realizada por Deus.

1
Veja Daniel Bediako, “Sabbath in the Book of Isaiah”, *Asia-Africa Journal of Mission and Ministry* 6 (2012): p. 172.

2
Veja Daniel Bediako, “The Sabbath Worship and ‘Sinning Willfully’ in Hebrews 10:26-31”, *Valley View University Journal of Theology* 5 (2018): pp. 28-39.

3
Veja Elias Brasil de Souza, “The Sabbath in the Old Testament: Day of Rest or Day of Worship?”, *in The Sabbath in the Old Testament and the Intertestamental Period: Implications for Christians in the Twenty-First Century*, ed. Daniel Bediako e Ekkehardt Mueller (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2021), pp. 277-302.

Allen Shepherd
Pastor

Hebreus 4:9: Sim, é um texto-chave!

“Portanto, resta ainda um repouso para o povo de Deus” (Hebreus 4:9, ARA).

Enquanto estudava a fim de me preparar para passar a lição da Escola Sabatina sobre Hebreus 3 e 4, li vários ensaios sobre esse texto, especialmente Hebreus 3:7-4:11, tanto escritos por Adventistas do Sétimo Dia como por Cristãos não-Adventistas.[1] Eu já suspeitava de que alguns não-Adventistas se pudessem esforçar para minimizar o significado de *sabbatismos* – a palavra grega usada para designar o repouso sabático ou a guarda do Sábado naquela passagem – ou para simplesmente fazer uma declaração menosprezadora e descartar esta palavra, mas mesmo alguns Adventistas do Sétimo Dia assumiam essa posição.[2]

Eu creio que aqueles que abraçaram esta ideia deixaram de considerar a passagem à luz do contexto mais amplo de Hebreus. A antiga revelação profética, as antigas cerimónias, o antigo sacerdócio e as antigas alianças foram superadas e substituídas por coisas novas e melhores: A revelação do Filho, o sacrifício divino, o sacerdócio e o Santuário celestiais, e a Nova Aliança. Em contraste com tudo isto, persiste uma prática judaica: O Sábado. Ele *não* foi superado e substituído. Ele permanece para o povo de Deus como um sinal do repouso da salvação e como um memorial da obra do Criador, que ordenou o repouso no Sábado no fim da semana da Criação.

Ele é, assim, um símbolo de todos os sentidos que estão encarnados no repouso. Esta passagem é o supremo texto sobre o Sábado na Bíblia, pois ele entrelaça todos os fios do *repouso* numa corda de profundo significado para o povo de Deus no Novo Testamento. Resta efetivamente um repouso sabático!

A porta de entrada para o descanso é a fé, a crença no Evangelho e a promessa de Deus (Hebreus 4:1-3).

O colapso

Hebreus 3:7-4:11 é o aviso que o autor faz aos seus leitores contra a descrença e a desobediência que os impedirá de entrarem no descanso de Deus.

Ele começa por apresentar as múltiplas razões que impedem a entrada no descanso, que são epitomadas pela geração de Israelitas que deixou o Egito sob Moisés: Descrença, desobediência, rebelião, dureza de coração e pecado (Hebreus 3:7-19). A teimosa rebelião deles levou Deus a realizar um juramento: "Não entrarão no meu descanso" (Hebreus 4:3, *ARA*).[3] Mas, surpreendentemente, a promessa do descanso ainda se mantém, apesar do falhanço deles, e o autor de Hebreus diz-nos agora como se pode entrar nesse descanso. A porta de entrada para o descanso é a fé, a crença no Evangelho e a promessa de Deus (Hebreus 4:1-3). No entanto, aqueles que, como a primeira geração, não creem (bem como os descrentes de qualquer geração) ficam sujeitos às consequências do juramento de Deus. A sua falta de fé resulta no anúncio: "Não entrarão no meu descanso" (Hebreus 4:3, *ARA*).

O autor de Hebreus alterna entre vários significados de "descanso" ou "repouso", dando lugar a um rico espectro de significado: A Terra Prome-

tida (um símbolo da Canaã Celeste), o repouso da fé em Deus e o repouso do Sábado no fim da Criação.

E daí?

Então, o que dizer desse repouso sabático?

Sim, o repouso tem estado disponível desde que Deus cessou a Sua obra no fim da semana da Criação, que é o descanso sabático mencionado no versículo 4, mostrando claramente que a guarda do Sábado estava na mente do autor de Hebreus.[4] Deus deu o Sábado ao Homem, instituindo-o especialmente para ele (Marcos 2:27). Mas mesmo este descanso é negado àqueles que não creem: Deus declara mais uma vez, de modo enfático: "Não entrarão no meu descanso" (Hebreus 4:3 e 5, *ARA*).

No entanto, alguns podem entrar nesse descanso (o descanso do Sábado e o descanso da fé em Deus), e este descanso tem estado acessível a cada geração através da pregação do Evangelho (Hebreus 4:6 e 7). Em cada novo "Hoje" (Hebreus 4:7) é feito um apelo para se ouvir a voz de Deus e para se responder com fé.

O autor de Hebreus alterna entre vários significados de "descanso" ou "repouso", dando lugar a um rico espectro de significado: A Terra Prometida (um símbolo da Canaã Celeste), o repouso da fé em Deus e o repouso do Sábado no fim da Criação.

Finalmente, se Josué tivesse dado o descanso quando o povo entrou em Canaã, por que razão Deus mencionaria posteriormente um descanso (Hebreus 4:8; cf. Salmo 95:7-11)?

A guarda do Sábado está incluída?

"Portanto, resta ainda um repouso para o povo de Deus" (Hebreus 4:9, *ARA*). Eu acredito que este repouso inclui a guarda do Sábado, pelas seguintes razões:

1. *"Sabbatismos."* O autor de Hebreus conclui o seu argumento sobre o descanso usando uma palavra grega diferente para "repouso" (*sabbatismos*) para além daquelas que usa ao longo de toda a perícope (*katapausis*/*katapaou*). Esta é a primeira ocorrência desta palavra no grego religioso ou secular (ela pode mesmo ter sido inventada pelo autor de Hebreus). Em escritos posteriores dos Pais da Igreja, e, uma vez, em Plutarco, ela significa sempre "guardar o Sábado".[5] Alguns têm argumentado que a palavra é usada para fins literários, para evitar a repetição de termos. Mas o autor de Hebreus não se envergonha de repetir palavras – repetindo palavras como "descanso", "permanece", "hoje", e, mesmo, passagens inteiras. *Sabbatismos* é, assim, claramente usado para dar ênfase. É intencional o uso de uma palavra que naturalmente remete para a guarda do Sábado e para o repouso do Sábado.
2. *Hebreus 4:10.* Os versículos 9 e 10 (*ARA*) dizem: "Portanto, resta um repouso para o povo de Deus. Por-

que aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou das suas obras, como Deus das suas." O versículo 10 alude claramente ao Sábado: Foi quando Deus descansou. O versículo certamente tem um significado mais lato, dado que o repouso da fé também está contido ali. Mas o Sábado está incluído pela referência ao repouso de Deus da Sua obra no fim da semana da Criação.

3. *A lógica do livro de Hebreus.* Em todas as outras passagens de Hebreus que citam ritos ou práticas cultuais judaicos cada uma é comparada com uma prática melhor ou maior que se acha em Jesus. Deus falou através dos profetas da Antiguidade, mas, agora, Ele fala-nos através do Seu Filho (Hebreus 1:1 e 2). Jesus, como Construtor da casa, é maior do que Moisés, que foi um servo na casa (Hebreus 3:3-5, *ARA*). Jesus oferece um sacrifício melhor (Hebreus 9:23) e um sacerdócio melhor (Hebreus 7:1-18). Ele vem com uma melhor Aliança (Hebreus 7:20-22; 8:7-13). Mas, *neste caso do Sábado*, permanece a prática judaica: "Portanto, resta um repouso para o povo de Deus" (Hebreus 4:9, *ARA*). A guarda do Sábado simboliza o repouso da fé e permanece uma prática viva, em contraste com a Antiga Aliança, o antigo sacerdócio e o antigo templo, que estão caducos.
4. Na mesma ordem de ideias, Cristo não é mencionado como Substituto do repouso do Sábado nesta passagem. *Cristo é o foco* das passagens em que Ele é declarado um melhor Sacerdote, um melhor Sacrifício, uma melhor Revelação, e assim por diante. Mas não há nada de semelhante nesta passagem. Não há aqui uma antítese de tipo e antítipo. O autor de Hebreus não argumenta que Cristo é um melhor Repouso ou que Ele substitui o repouso do Sábado. Pelo contrário, *permanece* um repouso sabático. *Cristo não fica no lugar do Sábado.*
5. O autor de Hebreus poderia ter facilmente argumentado aqui em favor da observância do domingo. Mas não há sequer um sussurro de tal cogitação. Pelo contrário, o autor de Hebreus afirma que *permanece o repouso do Sábado*,

O Sábado é o memorial da criação e do repouso de Deus no fim da semana da criação. Ele simboliza o repouso da fé em Deus para a nossa salvação, em que deixamos de trabalhar para nós e permitimos que seja Ele a trabalhar.

em contraste com todas as outras práticas judaicas discutidas no resto do livro. *O domingo não é o novo Sábado para o culto cristão*.

6. Este texto também responde aos argumentos contra a guarda do Sábado a partir de uma certa interpretação de Colossenses 2:16 e 17. Se *a guarda do Sábado permanece como uma prática cristã*, enquanto outras práticas cultuais judaicas (as sombras mencionadas em Colossenses) foram substituídas por Cristo e pela Sua Aliança, não se pode argumentar que os versículos em Colossenses se referem à sua abolição. Assim, a passagem de Hebreus 4:9 e 10 contraria as objeções à guarda do Sábado baseadas nos versículos de Colossenses 2:16 e 17.

O texto mais poderoso

Eu creio que estes argumentos claramente tornam esta passagem num texto poderosíssimo para se defender a natureza perpétua do Sábado. O Sábado é o memorial da Criação e do repouso de Deus no fim da semana da Criação. Ele simboliza o repouso da fé em Deus para a nossa salvação, em que deixamos de trabalhar para nós e permitimos que seja Ele a trabalhar. É um sinal da conclusão daquela obra mencionada em Êxodo 31:13 – um sinal de santificação. É uma lição prática sobre a grande bênção dada desde o princípio.

É nosso privilégio trabalharmos para entrar neste repouso!

1
Steven Siciliano, "'If They Would Only Enter My Rest': The Fascinating Logic of Hebrews 4", *Adventist Today*, 16 de novembro de 2017. Sonja De Witt, "A Sabbath Rest: Understanding Hebrews 4", *Adventist Today*, 18 de abril de 2019. Jerry N. Page, "What Does Hebrews 4 Really Say?", *Ministry*, junho de 1978, 12 e 13. Carl Mosser, resposta a Erhard Gallos, "What 'Rest' Remains? A Close Reading of Hebrews 4" (*Sabbath in Text and Tradition Seminar, SBL Annual Meeting, Atlanta*, GA, 22 de novembro de 2015).

2
Félix Cortez, *In These Last Days: The Message of Hebrews*, *Adult Teacher's Sabbath School Study Guide*, janeiro-março de 2022, 57-68. A Lição do Dinamizador contém uma passagem do *Seventh-day Adventist Bible Commentary*: "Pode-se notar, além do mais, que os Judeus do tempo de Paulo, fossem Cristãos ou não-Cristãos, eram estritos na sua observância do quarto mandamento. Certamente, ao escrever para Judeus, o autor de Hebreus não consideraria necessário provar-*lhes* que a guarda do Sábado 'permanece'. Se a conclusão do extenso argumento que começa em [Hebreus] 3:7 fosse que a guarda do Sábado permanece para o povo de Deus, pareceria que o autor de Hebreus era culpado de um *non sequitur*. Não haveria nenhuma vantagem num esforço tão grande para convencer os Judeus a fazerem algo que eles já estavam a fazer: Observar o Sábado." Francis D. Nichol, ed., *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7 (Washington, DC: Review and Herald, 1980), p. 423.

3
As citações bíblicas são retiradas da tradução *Almeida Revista e Atualizada*.

4
O autor de Hebreus *está* a tentar mostrar que a guarda do Sábado permanece, pois a sua tese no resto do livro é que Cristo substitui os ritos, os sacerdotes e as cerimónias hebraicos. Pelo menos um dos objetivos de Hebreus 3:7-4:11 é mostrar que a guarda do Sábado persiste, apesar da passagem de outros ritos judaicos.

5
Gerhard F. Hasel, "Sabbath", *in The Anchor Bible Dictionary*, ed. David Noel Freeman (New York: Doubleday, 1992), vol. 5, p. 855.

Ángel Manuel Rodríguez
Teólogo

Retirado da Revista Adventista *brasileira de setembro de 2024.*

A diferença entre “Leis” e “A Lei” no Antigo Testamento

Os Dez Mandamentos

No Antigo Testamento, “Lei” designa a vontade revelada de Deus. Mas como podemos distinguir entre os Dez Mandamentos e os outros tipos de legislação mencionados na Bíblia?

O termo hebraico *torah*, geralmente traduzido como “lei”, expressa a totalidade das instruções de Deus para o Seu povo: Leis relacionadas com as questões civis, bem como instruções morais e cerimoniais. Em Israel, não havia uma *Torah* moral *versus* uma *Torah* cerimonial. Existia apenas uma *Torah*, incluindo tudo aquilo que se relacionava com as questões morais, religiosas e litúrgicas.

Entretanto, o Antigo Testamento atribui um papel especial aos Dez Mandamentos dentro do seu sistema legal.

1. *Têm proeminência no* Pentateuco.

Quando a Aliança foi instituí-

da, as primeiras exigências legais para o povo estavam contidas nos Dez Mandamentos (Êxodo 20). Isto não foi um acidente. Encontramos o mesmo fenómeno em Deuteronómio 5.

2. *Foram proferidos por Deus.* Este é o único caso em todo o *Pentateuco* no qual Deus proclama diretamente uma lei para o Seu povo sem a mediação de Moisés. Os Israelitas ouviram a Sua voz no Sinai, e esta provocou uma impressão indelével neles (Êxodo 20:18--20). Isto indica a singularidade desta Lei e a sua primazia dentro dos códigos legais de Israel.
3. *Foram endereçados a cada Israelita.* Quando proclamou os Dez Mandamentos, Deus falou a cada Israelita, usando o pronome "tu". Cada um seria responsável por preservar os mandamentos e por obedecer-lhes, trazendo desse modo o relacionamento da Aliança para um nível pessoal. Por meio de Moisés, os outros códigos legais foram dados ao "povo de Israel" (Êxodo 20:22; 21:1).
4. *Foram gravados em tábuas de pedra.* O próprio Deus escreveu esses preceitos (Êxodo 31:18; 32:16; 34:1), diferentemente de todas as restantes leis, o que chama a atenção para a singularidade do Decálogo. Aquilo que Deus disse e escreveu era uma unidade completa em si mesma (Deuteronómio 5:22).
5. *São atemporais.* Os Dez Mandamentos são imperativos divinos para serem obedecidos sob quaisquer circunstâncias, não estando limitados a um período histórico, nem a determinada Cultura. Ao contrário das leis que regulamentavam o sistema sacrificial, o Decálogo não tinha prazo de validade.
6. *Fundamentam todas as outras leis.* O Decálogo é o fundamento das demais leis bíblicas. Em Êxodo 20, ele aparece como um guia interpretativo das demais leis. O mesmo também é verdade com respeito a Deuteronómio 5. Esse capítulo não resume aquilo que foi dito antes, mas é um sumário do que se segue.
7. *Possuem um nome específico.* Entre o corpo de dispositivos legais, apenas os Dez Mandamentos possuem um nome próprio. De acordo com Êxodo 34:28 e Deuteronómio 4:13 (cf. Deuteronómio 10:4), eles são chamados as "Dez Palavras". Ao dar um nome aos Dez Mandamentos, o escritor bíblico está a enfatizar a singularidade dessa Lei.
8. *Foram colocados dentro da Arca da Aliança.* De acordo com Deuteronómio 31:26, as leis escritas por Moisés foram colocadas no tabernáculo, "ao lado da arca da aliança do Senhor". Somente o Decálogo foi colocado dentro da Arca (Deuteronómio 10:5).

Portanto, é claro que o Antigo Testamento faz uma distinção entre os Dez Mandamentos e os restantes dispositivos legais encontrados ali, conferindo ao Decálogo um propósito e uma importância únicos. São os Dez Mandamentos que, na Nova Aliança, Deus quer escrever no coração e na mente dos fiéis (Hebreus 8:10)!

Marcos Osório
Arqueólogo

RádioRCS
91.2 fm

radiorcs.novotempo.pt
/podcasts/gravado-na-pedra

GRAVADO NA PEDRA

Sisaque, o misterioso Faraó dos livros bíblicos de Reis e de Crónicas

No primeiro livro de Reis, no capítulo 14, e no segundo livro de Crónicas, no capítulo 12, é referida uma invasão militar egípcia contra Jerusalém, no reinado de Roboão, filho de Salomão. O episódio é descrito como tendo sido perpetrado por *"Sisaque, rei do Egito, que marchou contra Jerusalém e tomou os tesouros do templo e da Casa Real, e tirou todos os escudos de ouro que Salomão tinha feito, e levou tudo"*.

Na ausência de referências nos textos clássicos a um Faraó de nome Sisaque, os académicos do século XIX consideraram esta citação bíblica como uma narrativa desprovida de fundamento histórico.

Na verdade, até à descoberta da Pedra da Roseta, em 1799, ninguém sabia ler os milhares de hieróglifos gravados e pintados nas paredes dos templos e dos túmulos do Vale do Nilo, e retirar as informações históricas que eles continham. Por esse motivo, era impossível saber se existia algum Faraó desconhecido dos relatos clássicos, com o nome de Sisaque. Foi graças a Jean Champollion, o francês que decifrou a Pedra da Roseta, em 1822, que finalmente foi possível ler e interpretar a antiga escrita hieroglífica (Robinson, 2012: 142).

Não passaram muitas décadas, após a tradução deste sistema de escrita, para se descobrir a primeira menção epigráfica a um Faraó chamado Sheshonq ou Shoshenq, cujo nome transliterado para a língua semita se aproxima, foneticamente, do nome bíblico de *Shishak* (Sisaque). Este Faraó foi o fundador da 22ª dinastia, chamada "bubastita", devido à sua proveniência da cidade líbia de *Bubastis* (Levin, 2012: 44).

Desde então, foram encontradas mais quatro inscrições hieroglíficas, que comprovam a existência de outros quatro governantes com o mesmo nome Sheshonq, tanto nesta dinastia como na seguinte. E, embora alguns debatam esta questão em detalhe, é provável que a menção bíblica se refira apenas a Sheshonq I, cujo governo durou entre 945 e 922 a.C., coincidindo cronologicamente com a indicação bíblica da invasão no quinto ano do reinado de Roboão, por volta de 926-925 a.C., tendo sido igualmente o único Sheshonq a documentar uma atividade militar significativa nos seus registos (Sagrillo, 2015: 70).

Além disso, um outro episódio narrado no segundo livro de Reis, ca-

Fig. 1 – O portal bubastita do templo de Karnak com a lista das cidades conquistadas por Sheshonq I (©*Wikipedia. Creative commons. File Karnak Temple. jpg.* Olaf Tausch, 2009).

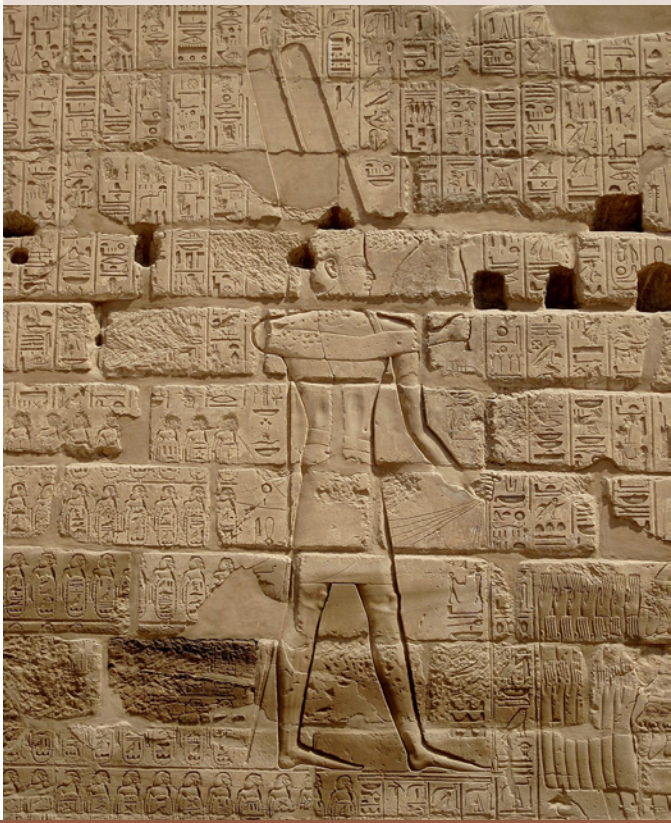


Fig. 2 – Pormenor dos prisioneiros gravados na listagem da campanha militar (*In Hughes et al.*, 1954: Plate 9).

pítulo 11, sugere que Sisaque forneceu abrigo a Jeroboão, o primeiro monarca do Reino do Norte, fugindo de Salomão, por volta de 935-931 a.C., o que faz retroceder ainda mais no tempo as menções bíblicas a este Faraó.

À semelhança de muitos outros Faraós egípcios, Sheshonq I não foi um conquistador modesto, tendo deixado gravado para a posteridade, numa porta lateral do templo de Amon, em Karnak, um relato grandioso das suas vitórias militares.

Nesse relevo parietal, o Faraó aparece a segurar um grupo de cativos pelos cabelos, prestes a golpeá-los com uma maça, embora o relevo esteja visivelmente deteriorado. Defronte dele, encontra-se o deus Amon, numa bela gravação, de maior tamanho, e a deusa de Tebas, posicionada na parte inferior, mantendo os prisioneiros firmemente amarrados nas mãos e no pescoço, compondo uma representação clássica da subjugação dos inimigos (Hughes *et al.*, 1954: VIII).

Ladeiam-nos 175 prisioneiros ajoelhados e com as mãos atadas, com o nome em hieróglifos de cada cidade ou região conquistada. Infelizmente, apenas 127 cartelas toponímicas podem ser lidas, parcial ou integralmente. E, entre esses nomes, encontram-se localidades mencionadas na Bíblia, como Megiddo, Jezreel, Ashkalom, Kiriath-Gearim, Gibeon, e outras mais indefinidas ou ainda não localizadas, que nos proporcionam um mapa das possíveis regiões conquistadas pelo Faraó na sua campanha militar em Canaã (Levin, 2012: 46-48).

Quando, em 1828, se fez a primeira leitura desta extensa inscrição egípcia em Karnak, os estudiosos imediatamente conectaram-na com a narrativa bíblica, porque ela constituía um possível testemunho externo que comprovava a invasão egípcia relatada nas crónicas judaicas (Sagrillo, 2015: 61).

Contudo, este relato gravado na parede do templo não constitui um registo histórico fiável. É preciso recordar que estas listagens de conquistas dos Faraós mencionavam muitos sítios conhecidos em inscrições anteriores, apenas com fins propagandísticos, visando representar um domínio muito superior à realidade (James e Van der Veen, 2015: 127).

Por questões logísticas, é improvável que o exército egípcio tenha derrotado 175 grandes cidades, uma vez que os relatos militares retratam assédios e cercos a aglomerados populacionais fortificados que se prolongavam por mais de dois anos.

Mas, o mais surpreendente nesta inscrição da campanha militar é que ela não menciona a cidade de Jerusalém

(*Idem*, 2015: 134), embora o texto aluda a diversas cidades adjacentes à área controlada por Judá e sugira que o Faraó terá passado muito perto, ao conquistar Gibeão, a 10km a noroeste da Cidade de David (Van Cleave, 2021).

Deste modo, apesar de esta inscrição conter inúmeros aspetos históricos verídicos, o facto de existirem incertezas na sua interpretação requer prudência e obriga a uma profunda análise crítica do registo escrito, sendo natural que os investigadores questionem a responsabilidade de Sheshonq I pelo ataque a Jerusalém citado na Bíblia.

De facto, o mapa das cidades conquistadas no Norte da Judeia não coincide com a descrição bíblica da campanha de Sisaque, que visava claramente Jerusalém (James e Van der Veen, 2015: 134). Portanto, consideram que podemos estar a falar de duas campanhas bem diferentes e até de duas pessoas distintas, dada a desconfiança na semelhança fonética superficial entre o nome Shishak e Sheshonq.

Mas, a ausência de Jerusalém desta lista parietal pode ser atribuída ao facto de ser uma das 50 cartelas ilegíveis, e também há quem defenda que o tributo de Roboão a Sheshonq tenha poupado a cidade da destruição e, consequentemente, da listagem no Portal (Van Cleve, 2021).

Mesmo sabendo que não existe uma única inscrição epigráfica direta confirmando o saque de Sheshonq I a Jerusalém, vários indícios arqueológicos mostram sinais de destruição e de alterações nos padrões ocupacionais, nesse período, noutras cidades judaicas mencionadas na listagem de Sheshonq I, como Megiddo, Gezer, Arad ou Siquém (Levin, 2012: 49).

Fig. 3 – Fragmento da inscrição honorífica de Sheshonq I, encontrada em Megiddo (©*Center for Online Judaic Studies by Hadassah*).

Em *Tell Megiddo* foi encontrado um achado arqueológico que corrobora esta campanha militar, descoberto pela equipa da Universidade de Chicago, em 1925. Trata-se de um bloco de calcário fraturado, no qual está gravado o nome de Sheshonq I, que tem sido interpretado como fazendo parte de uma grande estela ou estátua erguida pelo monarca egípcio, simbolizando o seu domínio na cidade (ver Evian e Finkelstein, 2023).

Embora nem a Bíblia nem as fontes egípcias sejam explícitas sobre os objetivos da campanha de Sheshonq I, muitos estudiosos sugerem que, nesse período, o Egito buscava restaurar a sua influência sobre Canaã e aceder às minas de cobre de Timna, exploradas por Salomão. Após o colapso da Idade do Bronze, o Egito nunca mais conseguiu aceder a estas explorações mineiras. Mas, com a ascensão da 22ª dinastia, sob o comando de Sheshonq I, o Egito conseguiu inverter esta situação (Finkelstein, 2002: 110).

Confirmando-se esta hipótese, a política expansionista de Sheshonq I e o ataque à região de Judá podem justificar-se como uma tentativa de reafirmar o domínio sobre os reinos levantinos e recuperar o controlo do comércio do cobre (Flerchinger, 2021: 9).

Após a morte do rei Salomão, o reino de Israel dividiu-se em dois: Israel, ao norte, e Judá, ao sul, o que pode ter facilitado a invasão de Shishak, que encontrou Judá enfraquecida e vulnerável, como vem descrito na Bíblia. O segundo livro de Crónicas, capítulo 12, confirma que a cidade de Jerusalém não terá sido saqueada, nem destruída. Roboão até se manteve no trono, embora prestando servidão contínua ao Faraó.

Deste modo, verificamos que há várias questões que permanecem abertas, mas a maioria dos estudiosos concorda em que a invasão descrita na Bíblia e a campanha registada no Portal Bubastita de Karnak se referem ao mesmo evento histórico. O bloco de Megiddo é uma das evidências arqueológicas mais significativas que contribui para estabelecer uma conexão entre os registos históricos egípcios e o relato do Velho Testamento (Finkelstein, 2002: 110), tornando a campanha de Shishak no evento bíblico mais antigo que pode ser confirmado com precisão, por meio de uma referência contemporânea, em fontes externas, ajudando os arqueólogos e os historiadores a criarem uma linha do tempo mais precisa dos eventos bíblicos e a entenderem melhor a interação entre o Egito e os reinos de Israel e de Judá, durante esse período.

Bibliografia

EVIAN, Shirly Ben Dor; FINKELSTEIN, Israel (2023) – "The Sheshonq Fragment from Megiddo: A New Interpretation". *Bulletin of ASOR*. 390:1, pp. 97-111.

FINKELSTEIN, Israel (2002) – "The Campaign of Shoshenq I to Palestine: A Guide to the 10th Century BCE Polity". *Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins*. 118, pp. 109-135.

FLERCHINGER, Rachel (2021) – "Divide and Conquer: Pharaoh Shishak's Campaign in Post-Solomonic Palestine". Conferência apresentada na Southern Adventist University, com orientação do Prof. Michael Hasel.

HUGHES, GR., NELSON, HH., PARKER, RA., CAMINOS, RA., NIMS, CF., SCHOTT, S., SEELE, KC., CHAMPION, DA., CHUBB, JA., FLOROFF, A., LONGLEY, LJ., SHEPHERD, SR., LEICHTER, H. (1954) – "The Bubastite Portal". *By the Epigraphic Survey. The University of Chicago Oriental Institute Publications Volume LXXIV*. The University of Chicago Press.

JAMES, Peter; VAN DER VEEN, Peter (2015) – "When did Shoshenq I Campaign in Palestine?" *in* P. James e P. G. van der Veen (eds), *Solomon and Shishak: Current Perspectives from Archaeology, Epigraphy, History and Chronology. Proceedings of the Third BICANE Colloquium held at Sidney Sussex College, Cambridge 26-27 March, 2011* (BAR International Series 2732). Oxford: Archaeopress, pp. 236-257.

LEVIN, Yigal (2012) – "Did Pharaoh Sheshonq Attack Jerusalem?" *Biblical Archaeology Review*. 42-52.

ROBINSON, Andrew (2012) – "Cracking the Egyptian Code: The Revolutionary Life of Jean-François Champollion". Oxford University Press.

SAGRILLO, Troy L. (2015) – "Shoshenq I and biblical Šîšaq: a Philological Defence of their Traditional Equation". *In* Peter J. James, Peter G. van der Veen, Robert M. Porter (eds.) – *Solomon and Shishak: Current Perspectives from Archaeology, Epigraphy, History and Chronology* [Proceedings of the 3rd Bicane Colloquium held at Sidney Sussex College]. Cambridge, 26-27 March, 2011, pp. 61-81.

VAN CLEVE, Norbert (2021) – "Bubastite Portal Rows II and V as Indication of a Change of Plan by Shoshenq I, Creating a Possible Location for Jerusalem in Row IV".

OLHOS NOS *olhos*

Williams Costa Júnior

Entrevistado por Ezequiel Duarte

Ele é Pastor, músico e também um comunicador prolífico, dirigindo a Comunicação da Igreja Adventista do Sétimo dia a nível mundial. O seu trabalho atual é pensar sobre como usar as novas plataformas digitais para levar esperança a milhões de pessoas ao redor do mundo. É casado com a cantora Sonete, é pai de três filhos e avô de seis netos. Continua a compor não apenas canções, mas também histórias que inspiram. Tem 73 anos de vida e mais de cinco décadas de ministério. Vamos conhecer mais de perto o Pastor Williams Costa Júnior.

ED: O Pastor Williams Costa Júnior nasceu no Interior do Brasil, numa cidade do Nordeste, e, ao longo da sua vida, teve muitas experiências, teve momentos decisivos que o levaram a ser o responsável máximo pela Comunicação de uma Igreja com 23 milhões de pessoas, que está espalhada por todo o mundo. Que traço decisivo, olhando agora para trás, acredita que o levou a ter esta trajetória extraordinária?

WCJ: Bom, eu nasci no Recife, que é a capital do Estado de Pernambuco. Aí, eu tive a oportunidade de iniciar os meus estudos musicais. E, para

ser honesto, eu não gostava de estudar música. Eu gostava de jogar à bola e de brincar, como qualquer criança. Mas fico impressionado como Deus guia as coisas de uma tal maneira que nós olhamos para trás e dizemos: "Não era este o caminho que eu pensava seguir, mas dou graças a Deus por ter andado por este caminho." A minha mãe sonhou que eu seria Pastor. Eu percebi a necessidade de me dedicar ao Ministério da Música. E para além de trabalhar com música durante muitos anos, acabei por trabalhar na área da comunicação.

ED: Vamos então recuar à década de 50. O Pastor Williams teria seis anos. A quem deve a imposição que o levou a tocar piano sem gostar e que fez de si o pianista que é hoje?

WCJ: O mérito de me levar a estudar música é da minha mãe. Ela nasceu numa favela, no Recife. Era muito pobre. Quando ia à cidade, ela via aquelas meninas ricas que tocavam piano e sonhava ser pianista. Mas nunca pôde. Então ela disse para si mesma: "Os meus filhos vão estudar piano." Como primogénito, eu fui o primeiro a transformar o sonho da minha mãe em realidade. Até aos 14 anos, eu abominava estudar piano. Mas quando fui para o internato no Educandário Nordestino Adventista, em Pernambuco, comecei a tocar e surgiram as minhas primeiras composições. E com estas composições, senti vontade de me dedicar à música.

ED: Vamos então para Pernambuco, no ano de 1961. O Pastor Williams teria 10 anos. Se pudesse dar um conselho a essa criança de 10 anos, hoje, o que lhe diria?

Os conselhos dos pais são algo precioso, a que só damos valor quando amadurecemos.

WCJ: Dir-lhe-ia para prestar mais atenção ao conselho da sua mãe. Eu acho que, se eu tivesse começado a estudar seriamente música mais cedo, teria feito muito mais. Quando finalmente decidi dedicar-me a estudar a fundo na área da música, já era um adolescente, quase um jovem adulto. Perdi muito tempo. Os conselhos dos pais são algo precioso, a que só damos valor quando amadurecemos.

ED: Ainda assim, com 20 anos, ganha um concurso nacional de piano, certo?

WCJ: Foi uma bênção de Deus. Lembro-me de que, para me preparar para os concursos, eu estudava oito horas por dia. Realmente estava bem preparado. Deus abençoou-me e consegui o primeiro lugar num concurso. Houve um outro concurso em que eu pretendia participar e em que tinha boas possibilidades de ganhar, mas aí surgiu o problema da guarda do Sábado. Fiquei por aí.

ED: Hoje, quando compõe uma música, é 100% inspiração ou está preocupado com as regras de composição musical?

WCJ: Quando nós compomos, nunca nos preocupamos. Debussy di-

zia o seguinte: "Não são as regras que fazem as obras de Arte. São as obras de Arte que fazem as regras." Quando a inspiração vem, ela está sempre acima das regras. Mas a técnica e o conhecimento ajudam a organizar as ideias. É como escrever uma obra literária. Podes ter muitas ideias de histórias extraordinárias, mas é necessário teres uma base gramatical e um bom vocabulário para estruturares a tua história.

ED: Diz-se que, na adolescência, sonhava em ser cantor dos "Arautos do Rei". Isto é verdade?

WCJ: É verdade! É por causa dos "Arautos do Rei" que eu sou músico. Eu não gostava de música, mas, um dia, o meu pai comprou um disco deles. Eu tinha nove anos, e lembro-me do dia em que ouvi a primeira música deste disco. Pensei: "Isto é muito bonito!" Foi então que me veio o desejo de estudar música a sério.

ED: Mas é aos 40 anos que virá a assumir a responsabilidade de ser o diretor musical dos "Arautos do Rei". Como foi esse momento?

É por causa dos "Arautos do Rei" que eu sou músico. Eu não gostava de música, mas, um dia, o meu pai comprou um disco deles. Eu tinha nove anos, e lembro-me do dia em que ouvi a primeira música deste disco. Pensei: "Isto é muito bonito!"

WCJ: Eu era professor de música e trabalhava para a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Em paralelo, sonhava em desenvolver produções musicais para a Igreja. Eu já estava a produzir material para o Grupo "Prisma", para o Grupo "Integração" e para o Grupo "Órion". Tinha gravado um disco – "Conhecer Jesus É Tudo". Nessa época, surgiu a ideia de eu vir a trabalhar na "Voz da Profecia", como diretor de *marketing* e diretor musical. Como diretor musical, eu trabalhava diretamente com os "Arautos do Rei".

ED: Agora vamos falar sobre a Sonete, porque o Pastor Williams e a Sonete devem ser um dos casais Adventistas mais conhecidos no Brasil. A Sonete é mais nova do que o Pastor...

WCJ: Bem mais nova. São sete anos de diferença. Quando a conheci, ela tinha 14. Eu era professor e ela era aluna. Mas eu estava já há algum tempo a orar a Deus e a pedir a orientação d'Ele. Lembro-me de que, um dia, no início do ano letivo, a Sonete captou a minha atenção. Ela era viva, animada, não parava quieta e andava rapidamente, tinha cabelo comprido e olhos brilhantes.

ED: Era professor de piano dela?

WCJ: Eu fui professor de piano dela mais tarde. Mas quando eu a conheci, foi amor à primeira vista. Ela tinha 14 anos e eu 21. Num certo dia, eu anunciei na igreja que haveria audições para o coro. Poucos dias depois, ela aproximou-se de mim e disse-me: "Professor, eu queria muito fazer a audição para o coro, mas você disse que só pode participar quem tem, pelo menos, 15 anos." Eu respondi: "Bem, vamos fazer a audição e depois logo se vê." Na audição, quando ela abriu a boca e cantou, eu percebi o seu grande talento.

ED: Acabam, então, por casar. Mas em que momento é que o Pastor Williams vem a ser o pianista oficial da Sonete? Pois ela veio a assumir um Ministério Musical muito forte.

WCJ: Depois de casarmos, eu sempre desenvolvi a minha ação como evangelista, professor e músico. Sempre desenvolvi estas três áreas. Eu fazia Semanas de Oração e a Sonete acompanhava-me e cantava. Um dia, eu estava a fazer uma Semana de Oração na cidade de Niterói, integrada no território da União Oeste Brasileira. Na quarta-feira, veio a Niterói o Diretor de Jovens da União Oeste Brasileira. Os filhos convidaram o pai para as minhas palestras. Ele sentou-se no último banco. Depois de eu ter pregado, a Sonete cantou. Quando ouviu a Sonete cantar, ele pensou: "Esta é a voz de que eu estou à procura para os meus apelos." Foi assim que conhecemos pessoalmente o Pastor Alejandro Bullón. Ele convidou a Sonete para cantar num sermão dele e o resultado foi maravilhoso. O resto é História! Trabalhámos juntos 18 anos nestes eventos. Depois de começarmos a colaborar com o Pastor Bullón nas suas campanhas missionárias, várias portas se abriram. Tanto para mim, como para ela.

ED: Houve algum chamado na sua vida que sentiu que não estava preparado para aceitar, e que, mesmo assim, aceitou?

WCJ: Todos! Eu fui chamado inicialmente para ser professor, ainda era estudante. Senti-me despreparado. Depois, fui chamado para trabalhar como Diretor do Conservatório Musical do IAE. Senti-me igualmente despreparado, mas Deus, com a Sua bênção, ajudou-me. Durante dez anos, pusemos de pé uma base de coros e de orquestras para a infraestrutura do que é hoje a música nas escolas Adventistas do Brasil. Depois disso, fui chamado para trabalhar no Centro de Produção Artística, que foi um imenso desafio. Deus também abençoou o meu trabalho. Fui chamado para a "Voz da Profecia", com os "Arautos do Rei", e, depois, para o começo do programa televisivo "Está Escrito". Foi um grande desafio! Por fim, fui chamado para ser o Diretor do ADSAT, que se transformou na "Novo Tempo". Este foi, talvez, o maior desafio de todos. Porque não tínhamos um Centro de Produção, não tínhamos um sistema de transmissão que chegasse às pessoas. Os programas repetiam-se muito, não havia dinheiro, não havia equipa. Mas Deus abençoou sempre. A partir daqui, fui Diretor de Comunicação na Divisão Sul-Americana.

ED: Quais foram os momentos mais especiais do seu ministério?

WCJ: Aqueles em que eu estava a tocar piano nos projetos evangelísticos "Revive" e "Sol". Com a Sonete a cantar, com o Pastor Bullón a fazer os seus apelos e as pessoas a entregarem a vida a Jesus. Eu fazia o fundo musical enquanto ele contava histórias e fazia o apelo. Mas muitas músicas que eu improvisava ao piano eram inspiradas ao ver as pessoas e as famílias abraçadas, com alguns indecisos e com outros a tomarem a decisão pelo batismo. Esses momentos de decisão, ligando o ministério da palavra e o ministério da música, foram, para mim, os momentos mais emocionantes da minha carreira.

ED: Tem ideia de quantas músicas compôs?

WCJ: Se eu considerar composições, arranjos, adaptações, traduções, orquestrações, contando tudo, serão mais de mil.

ED: O Pastor Williams é o Diretor do Departamento de Comunicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia a nível mundial. Qual é o grande desafio deste trabalho? Como comunica com os 23 milhões de pessoas que são membros da Igreja?

WCJ: O que me dá mais alegria no meu trabalho na área da Comunicação é perceber que a comunicação que se faz é para promover a Missão. Eu sinto um entusiasmo enorme ao pensar que é possível utilizar artigos, campanhas de *marketing*, relacionamento com Entidades de Comunicação seculares e eclesiásticas, histórias, testemunhos, vídeos, filmes, fotografia, música, tudo para poder comunicar que Jesus, um dia, vai voltar para nos levar para vivermos com Ele eternamente. Em termos de comunicação, esta é a súmula da mensagem. E esta mensagem precisa de ser comunicada a todo o mundo, a todas as raças, para que o Evangelho alcance toda a Humanidade e Jesus volte a esta Terra!

ED: Pastor Williams, qual é o legado que gostaria de deixar para a música e para a Comunicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia mundial?

WCJ: O legado que me daria mais alegria seria pensar que as pessoas foram inspiradas, pelo meu trabalho, a dedicar os seus talentos a Deus. É isso que eu tenho feito a minha vida inteira. Ele deu-me vários talentos em diferentes áreas, e eu tenho tentado desenvolvê-los e dedicá-los para a Missão. Se outras pessoas, vendo eu fazer isto, se sentirem inspiradas a fazer o mesmo, esse é o meu maior legado!

Esses momentos de decisão, ligando o ministério da palavra e o ministério da música, foram, para mim, os momentos mais emocionantes da minha carreira.

ED: A última pergunta que eu tenho só podia ser esta. Se a sua vida fosse uma música, qual seria o estilo e qual seria o título dessa música?

WCJ: "Jesus, tu és a minha vida". Este hino escrito por mim é um resumo de tudo o que eu penso sobre Jesus. Ele é muito significativo para mim, e eu percebo que tem sido muito significativo para muitas pessoas. Há também o hino "Em louvor a Jesus", que diz "quero viver a vida cantando em louvor a Jesus". Então, estas músicas são um resumo do meu carinho por Jesus!

ED: Foi um privilégio tê-lo aqui connosco, Pastor Williams Costa Júnior. Muito obrigado! Que o Senhor continue a abençoar o seu ministério!

WCJ: Foi um prazer. Muito obrigado!

Júlio Carlos Santos
Secretário-Executivo da UPASD

O papel da Secretaria na vida da Igreja

A Secretaria da UPASD ocupa um papel determinante, e a sua ação testemunha o pulsar do coração da Missão da IASD em Portugal.

Na Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), cada área e cada ministério desempenham uma função específica, visando sempre o crescimento espiritual da Igreja e dos seus membros. Neste propósito, a Secretaria da UPASD ocupa um papel determinante, e a sua ação testemunha o pulsar do coração da Missão da IASD em Portugal.

A prática de recolher números e outros dados de forma rigorosa, de organizá-los e interpretá-los de maneira criteriosa possibilita a obtenção de excelentes indicadores de desempenho, essenciais para a eficiência da Missão como um todo. Além disso, permite olhar para as pessoas por trás dos números e obter uma "fotografia" do panorama mais amplo da Igreja e da sua realidade.

Em resposta à necessidade identificada de melhorar a comunicação e o apoio junto das Secretarias das igrejas locais, a Secretaria da UPASD desenhou uma estratégia inovadora, implementada em 2024, e que consistiu na nomeação de **Secretárias-Adjuntas** por Regiões Eclesiásticas. As principais funções incluem:

1. **Extensão e descentralização da Secretaria da UPASD:** Atuam como elo de ligação, por Região Eclesiástica, junto das Secretarias locais, facilitando a comunicação e o apoio mútuo entre Regiões.
2. **Apoio contínuo ao corpo pastoral:** Facilitam a comunicação e a coordenação de atividades no âmbito das funções da Secretaria.
3. **Reuniões de formação:** Realizam reuniões de formação periódicas, por Região Eclesiástica, e, preferencialmente, *online*, por *Zoom*, com todos os Secretários e com a presença do Pastor Secretário da Região. Estas reuniões têm o objetivo de melhorar as competências dos Secretários locais e a otimização da gestão do seu trabalho.
4. **Apoio presencial:** Quando necessário, oferecem apoio presencial às Secretarias que enfrentem desafios específicos ou que necessitem de um suporte mais próximo.

A implementação desta estratégia tem como objetivo agilizar os processos administrativos e de comunicação da Secretaria da UPASD, promovendo maior proximidade, maior autonomia e maior eficiência em todas as Regiões Eclesiásticas.

Em paralelo, a Secretaria da UPASD organizou e realizou, em 2024, o primeiro **Encontro Nacional de Secretários**, tendo sido realizada a segunda edição deste evento em fevereiro de 2025. Estes Encontros revelaram-se momentos privilegiados de formação e de aquisição de novas competências, tendo funcionado como uma plataforma de grupo dinâmica para a troca de experiências, para a criação de pontes de apoio, para o reforço de boas práticas, para a avaliação de processos e para a dinamização de novos procedimentos. O plano é manter, no futuro, esta atividade, adequando-a, sempre que possível, às necessidades identificadas.

Entre os recursos disponíveis, destaca-se, pela sua relevância e pelo seu impacto, o novo programa ***ACMS*** (***Adventist Church Management System***),

atualmente em implementação. Durante o ano de 2025, serão promovidas ações de formação direcionadas para os Secretários locais, sobre este novo *software*, para que as igrejas beneficiem plenamente das novas funcionalidades. O *ACMS*, atualmente propriedade da Conferência Geral, é o sistema oficial utilizado pela IASD para facilitar a gestão de igrejas, membros (ativos e inativos), interessados e outras áreas operacionais em todos os níveis da sua organização. Entre as principais vantagens deste sistema, com capacidade para operar a nível global, estão, por exemplo, a possibilidade de transferir membros entre Divisões a nível mundial e o acompanhamento de todas as ações relacionadas com os membros. No âmbito do trabalho das Secretarias das igrejas locais, possibilita:

- Registo de novos membros.
- Pesquisa e remoção de membros.
- Classificação, movimentações e transferência de membros entre igrejas.
- Gestão dos oficiais da igreja.
- Consulta de informações da igreja, como horários de culto, endereço, etc.
- Obtenção de diversos relatórios nominais e estatísticos em tempo real.

Este novo programa perfila-se, assim, como uma ferramenta imprescindível para garantir uma gestão mais eficiente e organizada do trabalho da Secretaria, a nível local, nacional, e, por conseguinte, mundial.

Embora seja frequentemente vista como uma área administrativa, o papel da Secretaria é multifacetado. A sua ação é essencial para um funcionamento organizado e transparente da Igreja, mas também facilitadora da coordenação, do suporte espiritual e da comunicação eficaz entre membros e Liderança. Além disso, contribui para o fortalecimento da vida comunitária e espiritual da Igreja, criando um ambiente motivador e integrador, onde todos se sintam unidos sob o lema: ***"Eu vou, iremos todos!"***

Victor Alves
Historiador

Origens do Adventismo na Região Norte de Portugal

(*Parte II*)

No seguimento do artigo anterior, no qual vimos o contexto vivido em Portugal no final do século XIX e no início do século XX e determinámos a expressão do Movimento Protestante, importa conhecer o contexto político, económico, social e cultural da nação nesta época.

Neste artigo, vamos cruzar a data de 1889 da Cronologia da História de Portugal com a data de 1887, em que Ellen G. White faz referência a Portugal, passando pela prospeção missionária de Stephen N. Haskell e a sua visão de Lisboa em 21 de julho de 1889.

Retomamos a visão da Lisboa do final do século XIX e do princípio do século XX, assim como do nosso "Portugal Profundo". Não devemos esquecer que estamos correntemente a celebrar os 120 anos do Adventismo em Portugal.

Dizíamos, em 1994, na *Revista Adventista*, o seguinte: "O século XX vai herdar estes conjuntos de circunstâncias, e outros, que, por falta de espaço, não nos é possível referir, vão dar origem ao movimento revolucionário da 1ª República Portuguesa" (Alves, 1994).

Dentro desta panorâmica histórica, gostaria de cruzar esta data de 1889 da Cronologia da História de Portugal com a data de 1887 de uma citação de Ellen G. White, publicada na *Review and Herald*, de 6 de dezembro de 1887, p. 1: "Grande obra é confiada aos que apresentam a verdade na Europa. Há a […] Espanha e Portugal, depois de tantos séculos de escravidão, franqueados à Palavra de Deus – abertos à receção da última mensagem de advertência ao mundo."

Assim, entre 1889 e 1890, o obreiro e escritor Adventista Stephen

Neste artigo, vamos cruzar a data de 1889 da Cronologia da História de Portugal com a data de 1887, em que Ellen G. White faz referência a Portugal, passando pela prospeção missionária de Stephen N. Haskell e a sua visão de Lisboa em 21 de julho de 1889.

N. Haskell (1833-1922) fez uma viagem de prospeção missionária ao redor do Globo e, entre os vários Continentes que visitou, estava a Europa. No domingo, 21 de julho de 1889, o seu navio chegou à foz do Tejo, onde ancorou e se abasteceu. Diz Haskell, no seu relatório: "A cidade apresenta um aspeto nobre a quem dela se aproxima. Com um guia, visitámos alguns dos principais locais de interesse, e tivemos conhecimento de muitas coisas acerca dos hábitos e costumes do povo." E continua: "Os Portugueses são notados pela sua polidez. É concedida a todos a maior liberdade, de todas as partes, para expressarem os seus sentimentos nos jornais e em discursos públicos, tanto sobre assuntos políticos como sobre temas religiosos. […] Ninguém que olhe para a obra de Deus sob o ponto de vista encarado por nós como povo podia deixar de ver nestas coisas uma providência de Deus, que tem ido à nossa frente abrindo o caminho, para que o conhecimento da verdade vá a cada nação e língua e povo" (*Review and Herald*, 24 de setembro de 1889, p. 602).

Haskell teve uma visão da cidade de Lisboa muito reduzida. O guia, de acordo com o tempo de que dispunha, apenas umas simples oito horas, terá procurado mostrar o que de melhor havia em Lisboa. Uma Lisboa do final do século XIX e do princípio do século XX. Joaquim Vieira, na sua *Crónica em Imagens* (1900/1910), escreve: "A província estagna, mas Lisboa vive na euforia expansionista, acompanhada à distância pelo Porto. (…) [cita Malheiro Dias] 'O pobre foi escorraçado de todos os locais saudáveis e arejados e tangido para Xabregas, por Alcântara, para a Mouraria, para Alfama. E a Lisboa dos ricos desenvolve-se, prospera, aformoseava-se'." E continua: "Em Lisboa e no Porto, o proletariado comprime-se em densos bairros onde falta água, eletricidade, saneamento e até o próprio ar. […] Restam os bairros urbanos tradicionais, reino de boémia e 'maus costumes', de 'rufias' e 'fadistas', de tabernas e zaragatas noturnas." E prossegue: "Notam os estrangeiros em visita que higiene não rima com Portugal, o que o dramaturgo André Brun corrobora: 'Casas-de-banho não há, a não ser nas casas ricas – e nas de moderna construção, porque antigamente nem os próprios ricos se lavavam. Em Lisboa, o pessoal menor lava-se pouco. A água é cara, os cómodos da casa são exíguos, ou bem que se há de ter um piano ou bem que se há de ter uma banheira, etc. (…) Há quem lastime não haver em Lisboa os banhos públicos que outras capitais apresentam. Para quê? Ninguém lá ia. 'Water closets' também é raro havê-los. Há as piazinhas na cozinha e vamos com Deus'."

Vejamos agora como Rentfro via Lisboa. Na *Review and Herald*, de 17 de novembro de 1904, p. 18, lemos: "Estamos a residir numa boa parte da cidade. […] A pouca distância encontra-se um grande jardim, que está cheio de plantas e árvores tropicais. O clima é agradável." Não devemos esquecer que Rentfro está apenas há um mês e meio em Lisboa. Viver em Lisboa, e numa zona privilegiada, não era fácil. Rentfro diz que não estava a contar com o pagamento antecipa-

do da renda de casa, que era de seis meses. Neste período, a informação do seu *Diário* é fundamental para se compreender a situação em tempos difíceis. Repare-se no retrato de Lisboa da época, visto por um estrangeiro. Na *Review and Herald*, de 2 de março de 1905, p. 14, escreve-se: "Não precisamos de sair de casa para obter as coisas necessárias, porque vendedores ambulantes sobem e descem a rua vendendo pão, verduras, roupa, objetos de lata, fruta, peixe, petróleo, azeite, etc.; outros vêm a casa para fazerem a lista de tudo quanto os moradores desejam que os marçanos tragam das mercearias. Neste país é ocorrência diária nas tabernas a agressão física de clientes sob a influência do álcool." Em maio de 1905, ele vai escrever o seguinte: "Por não termos estado fora desta cidade, pouco podemos dizer do que se passa noutros lugares" (*Review and Herald*, 4 de maio de 1905, p. 16).

A família Rentfro vai deixar a cidade em 10 de abril de 1905, sete meses depois de estar na casa que estava situada numa bela parte da cidade, e irá morar para uma casa com quintal em Carcavelos, onde residiu até 16 de agosto de 1906.

Não posso deixar passar sem comentário a situação dos vendedores à porta. A *Ilustração Portuguesa* é muito clara quanto a dar a conhecer estas situações. Como seria pitoresco receber à porta um leiteiro, que trazia a própria vaca, que era mungida à vista do freguês. E os vendedores de perus, que passeavam os seus animais, deixando as ruas em situações pouco higiénicas. Para não falar do homem da recolha do lixo e do respetivo carro, tarefa redobrada pelos maus hábitos sanitários. Os pobres viviam nos bairros de lata nas cercanias de Lisboa, que acolhiam gente que vinha dos meios rurais tentar melhorar a vida na cidade. E a condição infantil? O sofrimento dos deserdados começa na infância. E as grandes tragédias? E as cheias? E os incêndios? Era este o nosso Portugal no fim do século XIX e no princípio do século XX. Era o Portugal profundo.

E a cidade do Porto? As coisas na Cidade Invicta não eram melhores do que em Lisboa. Por sinal, eram um pouco piores. Os problemas eram semelhantes.

Em setembro de 1994, na *Revista Adventista*, eu escrevia o seguinte: "A visita missionária a Portugal de Stephen N. Haskell […] foi, a meu ver, acidental ou apenas de circunstância […]. Podemos concluir que Haskell apenas esteve em Lisboa umas simples oito horas. Penso que é muito pouco tempo para se conhecer Portugal, especialmente em 1889."

Entretanto, Deus estava ao leme dos acontecimentos em Lisboa, e em Portugal. O Reverendo Eduardo Henriques Moreira diz-nos o seguinte: "A partir do último terço do século XIX, vamos encontrar um momento magnífico de clima mundial e de certas condições favoráveis ao nosso país" (Moreira, 1949).

Bibliografia

Alves, Victor, "A sociedade portuguesa nos finais do século XIX e princípios do século XX", *Revista Adventista*, setembro de 1994, pp. 12 e 13.

Moreira, Eduardo Henriques, *Esboço da Igreja Lusitana*, Edição do Sínodo da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica, 1949, pp. 7-9.

Daniel Vicente
Diretor do Serviço de Espírito de Profecia da UPASD

ESPÍRITO DE PROFECIA

Como reagia Ellen G. White aos seus críticos?

Referíamos no último artigo publicado nesta página do Espírito de Profecia que sempre foi uma constante a crítica aos mensageiros de Deus de todas as épocas e eras. Mas como é que aqueles a quem Deus chamou para o ministério profético reagiam a essas críticas?

Noé pregou durante 120 anos acerca do juízo que Deus iria trazer sobre este Planeta, porque "as pessoas eram muito más e sempre estavam a pensar em fazer coisas erradas".[1] Como reagiu Noé face às pessoas que não quiseram fazer caso da sua pregação? O apóstolo Pedro dá-nos a resposta: "Não queriam saber de Deus. A única pessoa que ele salvou foi Noé, que anunciou que todos deviam obedecer a Deus. E Deus também salvou mais outras sete pessoas."[2] Noé não deixou de anunciar a sua mensagem a todos, apesar de os seus contemporâneos não quererem saber da sua pregação, nem obedecerem a Deus.

Noé foi só um entre muitos outros profetas do Antigo Testamento que foram maltratados e criticados, mas que não deixaram de realizar o seu ministério e que tiveram uma paciência e um amor profundos por aqueles a quem eram enviados por Deus. Estêvão, referindo-se àqueles profetas, disse: "A qual dos profetas não perseguiram vossos pais? Até mataram os que anteriormente anunciaram a vinda do Justo."[3] Esta menção levou a que Estêvão fosse arrastado para a morte. E como reagiu Estêvão, enquanto era apedrejado? "E, pondo-se de joelhos, clamou com grande voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. E, tendo dito isto, adormeceu."[4]

Esta foi a reação mais comum que os profetas tiveram à oposição dos seus críticos desde sempre. Não foi uma reação de enfrentamento, nem mesmo de confrontação, mas de humildade, amor, compaixão e intercessão.

Com Ellen G. White não foi diferente. Desde o primeiro momento, houve dúvidas e falsidades em relação ao seu ministério profético e em relação às suas intenções. Dúvidas e críticas a que ela não dedicava muito tempo para desmentir, embora reagisse de forma diferente, de acordo com o tipo ou a ocasião da crítica.[5]

Outros, que não Ellen G. White, lidavam desadequadamente com aqueles que duvidavam da origem divina das suas visões e as criticavam. Os novos Adventistas, vin-

Ellen G. White, de forma humilde e sábia, convida aqueles que, por experiência, acreditavam na origem divina das visões que ela tinha, a não pressionarem os que não acreditavam.

dos de outras Denominações religiosas, que não acreditavam na continuidade dos dons espirituais e do dom profético em particular, muitas vezes não entendiam nem percecionavam a importância das visões. Ellen G. White, de forma humilde e sábia, convida aqueles que, por experiência, acreditavam na origem divina das visões que ela tinha a não pressionarem os que não acreditavam.

"Revelou-se-me que alguns, especialmente de Iowa, fazem das visões uma regra pela qual medem tudo... Alguns... são céticos sobre qualquer coisa que tenha o nome de visão... Se as pessoas não estiverem bem estabelecidas com relação às visões, não devem ser pressionadas. Os Pastores devem ter compaixão de 'alguns que estão duvidosos; arrebatando-os do fogo'. Judas 22 e 23... Os que não estavam habituados às visões têm sido tratados do mesmo modo que os que tiveram muita luz e experiência com respeito a elas. De alguns foi requerido que apoiassem as visões, quando não podiam fazê-lo de sã consciência."[6]

Esta postura por parte de Ellen G. White é muito semelhante à dos profetas canónicos, quando mal-interpretados ou criticados. Tal atitude revela tato e sabedoria, e aconselha os que acreditam na origem divina das suas visões, nomeadamente os Pastores, a terem compaixão e, eu diria mesmo, paciência e tato adequados, para que isso não seja a causa para o afastamento de algum crente das verdades para este tempo.

Numa outra ocasião e num outro lugar, ela dá orientações ainda mais precisas, para que a Igreja não seja tentada a afastar do rol de membros de Igreja aqueles que ainda não conseguiram obter uma experiência pessoal em relação aos Testemunhos.

"Não se deve atribular nem forçar os que nunca tenham visto um indivíduo receber visões, e não possuem um conhecimento pessoal da sua influência. Essas pessoas não devem ser separadas dos benefícios e privilégios de membros da Igreja, se, no demais, a sua vida cristã se prova correta, e tenham um bom caráter cristão... Estes não devem por isso ser postos de lado, cumprindo tratá-los com paciência e amor fraternal até que tomem posição e tenham opinião definida contra ou a favor deles [os Testemunhos]."[7]

Cada uma destas recomendações e o próprio testemunho de Ellen G. White em relação àqueles que, como Tomé, ainda duvidam das visões e dos Testemunhos escritos deveriam ajudar-nos a sabermos lidar e cuidar daqueles que ainda não chegaram a compreender a importância dos Testemunhos.

1
Génesis 6:5 (*NTLH*).

2
II Pedro 2:5 (*NTLH*).

3
Atos 7:52 (*ACF*).

4
Atos 7:60 (*ACF*).

5
Denis Fortin e Jerry Moon (eds.), *Enciclopédia Ellen White*, "Crítica, como Ellen White Lidava Com a", Tatuí, SP: CPB, p. 806.

6
Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. I, Tatuí, SP: CPB, 2004, p. 382.

7
Idem, vol. I, pp. 327 e 328.

O plano de Deus para David

ESPAÇO JUVENIL
Heróis da Bíblia

Conceição Lagoa
Diretora-Associada da Área da Família da UPASD para os Ministérios da Criança

"Porém o Senhor disse a Samuel: Não atentes para a sua aparência, nem para a sua altura, porque o rejeitei; porque o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração" (I Samuel 16:7).

História Bíblica

David era apenas um rapaz que tomava conta das ovelhas do seu pai quando Deus o escolheu para uma grande missão. As pessoas viam somente um jovem pastor, mas Deus via alguém com um coração cheio de fé e de coragem.

Um dia, Deus disse ao profeta Samuel para escolher um novo rei para Israel. Samuel pensou que Deus escolheria um dos irmãos mais fortes e experientes de David, mas não foi isso que aconteceu. Deus escolheu David, o mais novo da família!

David não se tornou rei imediatamente. Antes disso, passou por muitas aventuras e vários desafios. O maior deles foi quando surpreendeu o gigante Golias. Golias era muito grande e forte, mas David não teve medo. Ele pegou na sua funda e em cinco pedras, e, com a ajuda de Deus, venceu o gigante! Com isto, aprendemos que a verdadeira força não está no tamanho, mas na fé que temos em Deus.

Depois dessa vitória, David teve outro problema. O rei Saul ficou com inveja dele e tentou fazer-lhe mal várias vezes. Mas David nunca quis vingar-se. Ele sabia que Deus tem um tempo certo para todas as coisas, e esperou pacientemente.

No final, David tornou-se rei de Israel e governou com justiça. Claro que ele também cometeu erros, mas arrependeu-se e pediu perdão a Deus.

Eu aprendi...

A história de David ensina-nos que Deus não escolhe as pessoas pelo aspeto ou pela força, mas pelo coração. Isto quer dizer que Deus vê se somos bons, se tratamos os outros com justiça, se somos humildes e se temos fé. Ele quer que sejamos sinceros e que confiemos n'Ele, mesmo quando as coisas são difíceis.

Às vezes, podemos sentir-nos pequenos ou incapazes, mas Deus pode usar-nos para coisas incríveis, desde que confiemos n'Ele.

David mostrou que a confiança verdadeira vem da fé. Ele venceu Golias, enfrentou muitos problemas e nunca deixou de acreditar em Deus. Isso ensina-nos que não precisamos de saber tudo ou de ser os mais fortes para fazermos grandes coisas – basta estarmos prontos para fazer a vontade de Deus.

Além disso, a história de David mostra-nos que, mesmo quando erramos, Deus está sempre pronto para nos perdoar e ajudar. Ele nunca desiste de nós! Se formos sinceros e pedirmos a Sua ajuda, Ele continuará a guiar-nos pelo melhor caminho.

O que aprendemos com David?

- Deus não olha para a aparência, mas para o coração. Mesmo que sejamos pequenos, Ele pode usar-nos para grandes coisas!
- A nossa força não vem dos músculos, mas da fé. David venceu Golias porque confiou em Deus.
- Todos cometemos erros, mas Deus perdoa-nos quando nos arrependemos de verdade.

Assim como David, podemos confiar sempre em Deus, e Ele guiará os nossos passos!

"Eu Vou, Iremos Todos"

Hoje, Deus continua a chamar crianças e jovem como tu, e, quando dizes "Eu vou", pode ser que Ele te chame para fazeres algo que pareça difícil, mas lembra-te de David: Quando confiamos n'Ele, Ele dá-nos a força necessária!

Diz "sim" ao plano de Deus, e descobre como Ele pode usar-te para fazeres a diferença.

Desafio ou Atividade

Pensa em algo que te pareça difícil ou assustador. Pode ser ajudar alguém que precisa de apoio, enfrentar um medo ou confiar em Deus numa situação complicada.

Tal como David, ora a Deus sobre isso. Pede coragem para enfrentares os desafios com fé e pede sabedoria para agires corretamente.

Dá o primeiro passo! Confia que Deus estará contigo e usará a tua vida para inspirar e ajudar outros.

E lembra-te: Obedecer a Deus e confiar n'Ele traz muitas vitórias!

Aponta o telemóvel e descobre as surpresas!

Explora o *QRCode* e encontra:

- Uma mensagem especial de David.
- Um desenho divertido para colorires.
- Duas músicas bonitas para cantares.
- Uma bela história para ouvires.

recursos.adventistas.org.pt/criancas/documentos/espaco-juvenil-herois-da-biblia-marco-2025/

PÁGINA da **Família**

Daniel Bastos
Diretor da Área Departamental da Família da UPASD

Lições atuais vindas de Caná

A partir deste milagre, podemos tirar para nós, hoje, quatro lições cheias de significado.

Não se sabe, com certeza, onde ficava a vila de Caná, mas sabemos que foi lá que Jesus realizou o Seu primeiro milagre – a transformação da água em vinho, numas bodas (João 2:1-12). As pessoas de Caná, aparentemente, consideravam-se superiores às de Nazaré, a julgar pela reação de Natanael, que era de Caná (João 21:2), quando soube acerca da origem de Jesus (João 1:45 e 46). Não se compreende bem a razão para tal preconceito, porque ambas as localidades eram pequenas e insignificantes. No entanto, cheias de significado são as lições, das quais destaco quatro, que podemos tirar para nós, hoje, a partir daquele interessante milagre.

1. O casamento é muito importante para Deus.

Não é preciso esperar muito para encontrarmos a primeira referência ao casamento quando abrimos a Bíblia. Logo no primeiro capítulo do primeiro livro encontramos as palavras: *"Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra..."* (Génesis 1:26 e 27.) No capítulo seguinte, encontramos mais informação, que culmina com a frase *"tornando-se os dois uma só carne"* (Génesis 2:24). Deus antes afirmara que estar só não é bom (Génesis 2:18). Não é de estranhar, portanto, que Jesus tenha escolhido fazer o Seu primeiro milagre numa cerimónia de casamento. Nos Seus ensinos enalteceu esta instituição e denunciou a dureza de coração que colocou a mesma em causa tantas vezes (Mateus 19:8). Sim, Deus quer que levemos o nosso compromisso conjugal a sério, porque há muita coisa em causa. Como bem afirmou Ellen G. White: *"O bem-estar da Sociedade, o êxito da Igreja e a prosperidade da nação dependem das influências do lar."* – Ellen G. White, *O Lar Cristão*, p. 11, ed. P. SerVir.

Quantos traumas carregamos porque o nosso lar de origem se desviou do ideal divino? Quantas alegrias e recordações positivas trazemos no coração porque os nossos pais acalentaram e honraram o seu compromisso matrimonial?

2. Só Jesus pode suprir as necessidades do casamento.

Quando aqueles familiares de Jesus se aperceberam de que o vinho da boda tinha acabado, houve entre eles muita perplexidade e muito desgosto (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pp. 120 e 121, 2017, ed. P. SerVir), pois o embaraço diante dos convidados era enorme. Poder-se-ia mesmo falar de uma festa arruinada, não fosse a intervenção providencial de Jesus, que transformou aquele problema num *upgrade* considerável à qualidade daquele momento único na vida de um casal. Como devem ter-se sentido gratos a Jesus por aquele gesto. Não será diferente, hoje, a condição da maior parte das famílias. Existe desgosto, perplexidade, angústia e dor no seio dos lares. Não é por falta de alguma bebida refrescante; é por falta de certos bens imateriais, tais como o amor, que, entretanto, parece ter acabado por via da exigência egoísta, da crítica desrespeitadora, das explosões de ira, da desonestidade, dos comportamentos independentes e de certos

Com Deus é exatamente ao contrário! As coisas vão ficando cada vez melhores. Estaremos a querer dizer que os últimos anos de uma vida, de um casamento maduro, poderão ser melhores do que os primeiros? Acredito nisso de todo o coração, e é isso que vejo acontecer na vida daqueles que vivem uma vida próxima de Jesus.

hábitos irritantes. Paralelamente, esse amor não foi cultivado através de uma preocupação individual com as necessidades emocionais do outro, pelo que chega-se à rutura de *stock* do bem imaterial mais precioso. E quando é assim, chegamos ao fim? Podemos declarar a ruína do projeto conjugal? Não necessariamente, se recorrermos a Jesus! Só Ele pode tornar o trivial no essencial que está em falta. Ele fê-lo uma vez em Caná, já o tem feito por muitos casais, e pode fazê-lo por si também!

3. Com Jesus, o melhor vem depois.

Com grande admiração verificou-se que o último vinho era melhor do que o primeiro (João 2:10). Desde o Éden, Satanás continua a enganar a Humanidade com o seu *marketing* fraudulento. Ele tem a pretensão de ter algo melhor do que Deus. Mas a história é sempre a mesma: Primeiro, a excitação; depois a ressaca. Com Deus é exatamente ao contrário! As coisas vão ficando cada vez melhores. Estaremos a querer dizer que os últimos anos de uma vida, de um casamento maduro, poderão ser melhores do que os primeiros? Acredito nisso de todo o coração, e é isso que vejo acontecer na vida daqueles que vivem uma vida próxima de Jesus.

4. Para que assim seja, é preciso obedecer a Jesus.

Não estaríamos aqui a escrever e a ler sobre esta história, se os servos não tivessem seguido as indicações da mãe de Jesus: *"Fazei tudo o que ele vos disser"* (João 2:5). Somos tentados a colocar em causa as grandes promessas da Bíblia, histórias de sucesso como esta e outras que ouvimos em testemunhos, quando, simultaneamente, nada parece estar a acontecer connosco. É nessa altura que precisamos de refletir e de perguntar: Onde está o problema? Normalmente, vemo-lo fora de nós próprios. É assim que somos. No entanto, nada acontecerá, se não começarmos a levar à letra os mandamentos de Jesus. Negarmo-nos a nós próprios e aceitarmos as circunstâncias difíceis que nos rodeiam é um desses mandamentos (Mateus 16:24). Amar a nossa esposa como Cristo amou a Igreja é outro desses mandamentos. Neste caso, aplicado aos maridos (Efésios 5:25). Às esposas é dito que respeitem os seus maridos (Efésios 5:22). Sim, o seu casamento ainda pode melhorar muito! Pergunte a Jesus como, e obedeça a cada indicação que Ele lhe der!

Consulte estas e outras notícias em noticias.adventistas.org.pt

Convenção de Colportores em Portugal

Pr. José Lagoa | Presidente da UPASD
3 de fevereiro de 2025

Entre os dias 31 de janeiro e 2 de fevereiro de 2025, realizou-se a Convenção de Colportores em Portugal, um momento especial de fortalecimento e crescimento para este Ministério. Tivemos a presença dos nossos colportores permanentes, que há anos se dedicam à missão com empenho e perseverança, bem como a presença de novos interessados, desejosos de fazer parte deste trabalho missionário.

Para o Pr. Marcelo Frazão, líder da Colportagem em Portugal, este encontro foi essencial para fortalecer os laços, inspirar, treinar os colportores para avançarem em 2025. Já o Pr. António Carvalho, Diretor de Publicações em Portugal, destacou que esta convenção foi um tempo de foco e de estratégia, visando o aperfeiçoamento tanto dos resultados missionários quanto da distribuição de literatura no país.

É com gratidão que olhamos para o avanço das Publicações em Portugal e seguimos com fé, certos de que este Ministério continuará a transformar vidas através da literatura cristã.

Encontro Nacional de Secretários 2025, com foco na missão

Mafalda Silva | Secretária-adjunta – Secretaria da UPASD
6 de fevereiro de 2025

Nos dias 1 e 2 de fevereiro de 2025, realizou-se, nas instalações da UPASD, em Lisboa, o segundo Encontro Nacional de Secretários, sob a organização do Pastor Júlio Carlos Santos, Secretário-Executivo da UPASD, e da irmã Sónia Fernandes, Secretária da Administração.

Estiveram presentes 62 Secretários das várias Regiões Eclesiásticas do país: Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve e Madeira e Açores. Participaram ainda, como convidados especiais, o Pastor José Lagoa, Presidente da UPASD, o Pastor Artur Machado, Diretor da Região Eclesiástica de Lisboa e Vale do Tejo, e o irmão Ezequiel Duarte, Departamental de Comunicação da UPASD. O encontro contou também com a presença (via *Zoom*) do Irmão Wellington Júnior, formador do programa da Secretaria, *ACMS*, recentemente implementado no nosso país.

O programa incluiu mensagens espirituais, momentos de oração e louvor e dinâmicas de grupo (para capacitação dos Secretários nas áreas administrativa e técnica e para esclarecimento de dúvidas). Houve, ainda, momentos de convívio, em que os Secretários puderam conhecer-se, conversar, partilhar refeições, rir e chorar juntos, reforçando laços fraternos entre si.

Neste encontro, voltou a ser enfatizada a importância do papel do Secretário para o cumprimento da missão da Igreja estabelecida por Jesus em Mateus 28:18-20.

Ansiando já pelo próximo encontro, agradecemos à Secretaria e à Administração da UPASD por esta excelente iniciativa, e, sobretudo, ao nosso maravilhoso Deus, Doador de todas as coisas!

Três jovens são batizadas em Elvas e Évora

Departamentos de Comunicação de Évora e de Elvas
16 de fevereiro de 2025

As comunidades Adventistas de Évora e Elvas celebraram, com grande alegria, o batismo de três jovens: Jurema, de Elvas, e Mayra e Silvania, de Évora. A cerimónia, marcada para o dia 15 de fevereiro de 2025, às 16 horas, foi um momento de fé e de renovação espiritual.

As três candidatas, embora tenham enfrentado dificuldades ao longo da sua caminhada de fé, permaneceram firmes, superando momentos de dúvida com oração e com o apoio daqueles que as guiaram no estudo da Bíblia. Pela graça de Deus, conseguiram enfrentar os desafios e fortalecer ainda mais a sua fé em Jesus Cristo.

"Deus revelou-Se a elas com poder nas suas jornadas e é com grande gratidão que celebramos estes batismos", afirmou o Pr. António Domingues, responsável pelas igrejas de Évora e de Elvas.

Grupo de Mirandela torna-se igreja Adventista do Sétimo Dia

Departamento de Comunicação da UPASD
20 de fevereiro de 2025

No passado Sábado, 15 de fevereiro, o grupo Adventista de Mirandela celebrou um momento histórico com a sua passagem oficial a Igreja Adventista do Sétimo Dia em Mirandela. A cerimónia solene foi presidida pelo Presidente da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia (UPASD), Pastor José Lagoa, e contou com a presença de mais de cinquenta pessoas.

Na meditação inicial, o Pastor José Lagoa refletiu sobre "o muro que nunca caiu",

enfatizando que somente com Cristo como fundamento é possível que a Igreja permaneça unida. Ele destacou a importância da união e da cooperação entre os membros para o fortalecimento da Comunidade.

O grupo de Mirandela foi inaugurado a 6 de março de 2004 pelos Pastores Mário Brito, José Eduardo Teixeira e Daniel Vicente. Agora, 21 anos depois, o sonho de se tornar numa igreja foi finalmente concretizado.

Durante a cerimónia, o Pastor Júlio Carlos Santos, atual Secretário-Executivo da UPASD, explicou os critérios necessários para que um grupo seja considerado uma igreja, incluindo a exigência de contar com, pelo menos, 25 membros. Atualmente, a igreja Adventista de Mirandela conta com 38 membros, o que permitiu a sua oficialização. No próprio Sábado, foi escolhida e votada a primeira Comissão de Nomeações da igreja, que será responsável por designar os novos líderes para os diferentes Departamentos, conforme previsto no *Manual da Igreja*.

A base bíblica desta celebração foi Efésios 4:4-6, que destaca a unidade da fé e a soberania de Deus sobre todos.

O recém-chegado Pastor da igreja de Mirandela, David Mano, expressou a sua esperança e a sua visão para esta nova fase: "Agora, como igreja, podemos criar uma nova estrutura e uma nova dimensão de organização. O objetivo é desafiar a igreja a crescer, permitindo que os membros se multipliquem e estabeleçam objetivos específicos de missão para evangelizar mais eficazmente a cidade de Mirandela."

Com esta oficialização, o panorama da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal também se alterou. Até então, o país contava com 100 igrejas e 14 grupos. Agora, passa a contar com 101 igrejas e 13 grupos espalhados por todo o território nacional.

Inauguração do Centro de Influência da Covilhã, Espaço C

Pra. Rita Mano | IASD Guarda
28 de fevereiro de 2025

No Sábado, 22 de fevereiro, pelas 16:00 horas, foi inaugurado o Espaço C, o Centro de Influência da Covilhã, promovido pelo Departamento de Evangelismo da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia (UPASD), com o apoio da Divisão Inter-Europeia. Este projeto tem como principal objetivo impactar a Comunidade local, com especial atenção à população universitária.

O Centro conta com quatro espaços distintos, concebidos para atender às necessidades da Comunidade:

- Espaço ADRA: Criado para apoiar estudantes dos PALOP e imigrantes oriundos de regiões quentes, oferecendo roupas quentes e roupa de cama para enfrentar o inverno rigoroso da Covilhã.
- Espaço Jovem: Um ambiente equipado com computadores, impressora e uma cozinha, pensado para proporcionar um local seguro e confortável onde os estudantes podem estudar e conviver.

- Espaço Multiusos: O espaço mais dinâmico destinado a vários tipo de atividades, como formações diversas, incluindo aulas de português para estrangeiros e reuniões de sábado à tarde.
- Espaço Família: Com o gabinete para apoio à família e aconselhamento económico.

A inauguração contou com a dinamização da Pastora Rita Mano e da missionária da ASI Ana Abel, que apresentaram o projeto aos presentes. O evento teve também a participação do Presidente da UPASD, Pastor José Lagoa, que conduziu uma reflexão sobre "A missão no mundo de hoje", e do Tesoureiro Daniel Simões, que destacou a importância da colaboração para concretização de iniciativas como esta.

O Pastor Pedro Esteves, responsável pelo Departamento de Evangelismo, marcou presença para abordar o papel dos Centros de Influência no evangelismo. Já o Presidente da ASI, Carlos Dias, que também participou, apresentou o trabalho desenvolvido pela organização e incentivou a submissão de projetos evangelísticos para apoio.

O evento encerrou-se com um momento de convívio, onde os presentes puderam visitar o espaço e partilhar experiências num pequeno lanche de confraternização.

ADRA Portugal celebra 25 anos

Patrícia Silvestre | ADRA Portugal
28 de fevereiro de 2025

No passado dia 22 de fevereiro, celebrámos um marco incrivelmente especial: Os 25 anos de história, amor e propósito da ADRA Portugal. A gala comemorativa foi um verdadeiro reflexo do impacto e da dedicação da nossa organização ao longo dos anos.

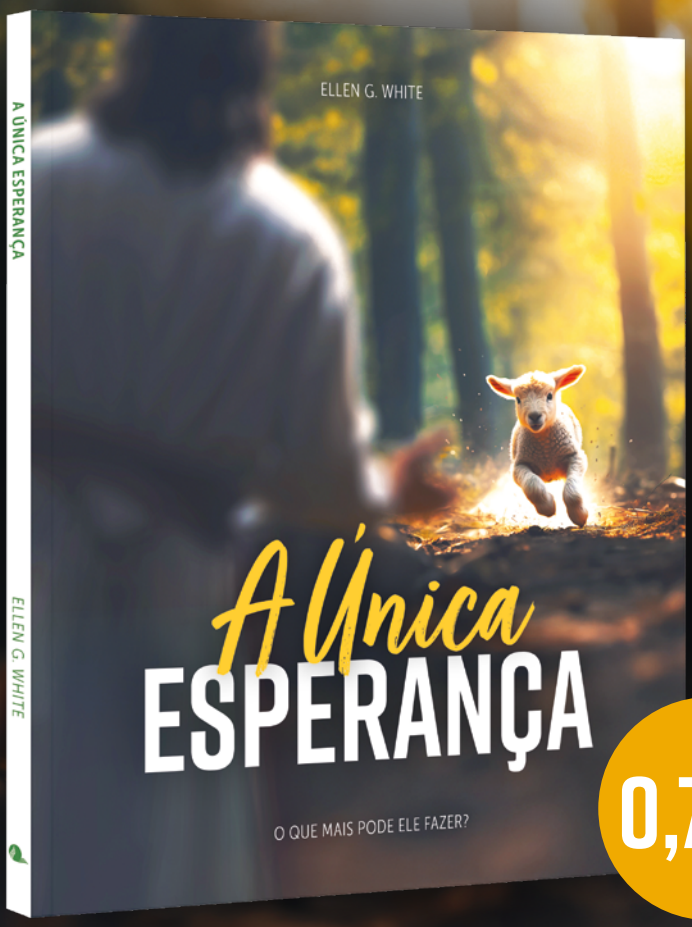
Tivemos a honra de contar com a presença de figuras marcantes da nossa história, incluindo os ex-diretores-executivos Rogério Nóbrega e João Martins, bem como a nossa atual Diretora-Executiva, Cármen Maciel. O atual Presidente da ADRA Portugal, Pastor Júlio Carlos Santos, e o Presidente da UPASD, Pastor José Lagoa, membros dos órgãos sociais e convidados especiais, também abrilhantaram a noite, adicionando vida e alegria à celebração.

O evento foi enriquecido com espaços musicais e com a partilha de testemunhos emocionantes que reavivaram a memória do trabalho incansável e da missão da ADRA em Portugal. Foram momentos de grande enriquecimento e valorização pelo trabalho que todos têm feito para que a ADRA se tornasse no que é hoje.

Estamos gratos por cada passo desta jornada e por cada pessoa que faz parte da nossa história. Juntos, continuamos comprometidos em fazer a diferença e em levar adiante o nosso propósito de amor e serviço!

Envolva-se no

PROJETO **ESPERANÇA** 2025



0,70€

eu VOU
MISSÃO GLOBAL AÇÃO LOCAL